SOMOS



LUTO SEM MEDO

MAX PORTER


SOMOS
LIVROS



SOMOSLIVROS.COM.BR



MAX PORTER

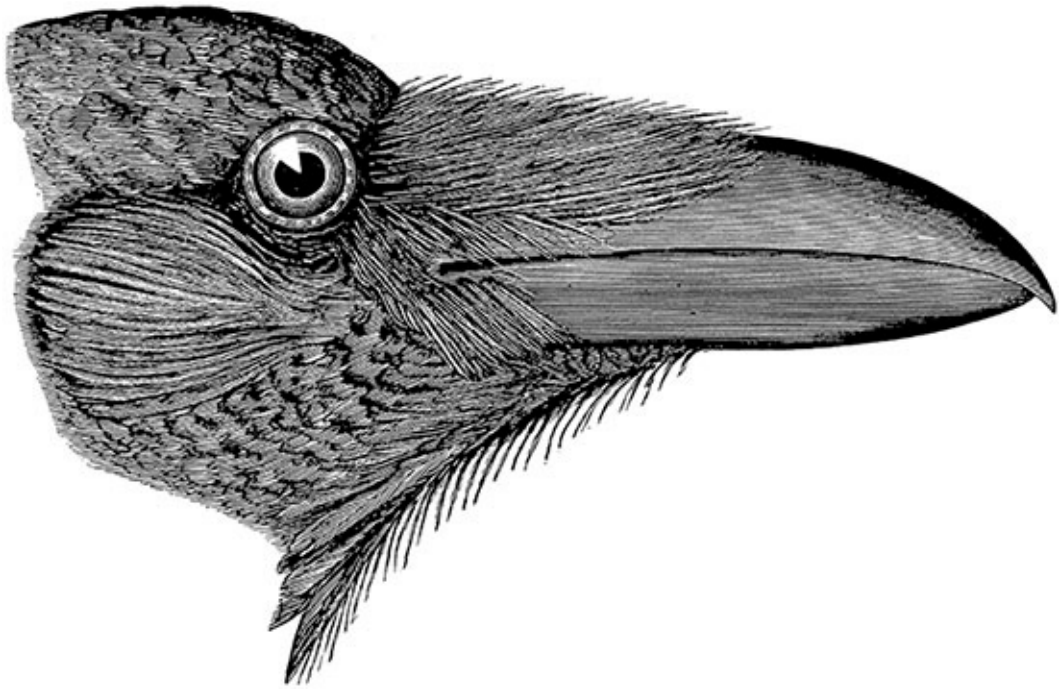


LUTO SEM MEDO

OU O LUTO É A COISA COM PENAS

tradução & posfácio
Caetano W. Galindo

SOMOS



Para Roly

Sumário

Capa

Folha de rosto

Dedicatória

Primeira parte: Uma Dose de Noite

Segunda parte: Defesa do Ninho

Terceira parte: Permissão para Partir

Posfácio

Glossário

Sobre os autores

Créditos

O ~~Amor~~ CORVO é só o que há

É tudo que sabemos sobre o ~~Amor~~ CORVO

E basta, o ~~fardo~~ CORVO então será

Proporcional ao ~~vineo~~ CORVO que deixou

Emily Dickinson



primeira parte

UMA DOSE DE NOITE

MENINOS

Tem uma pena em cima do meu travesseiro.

Os travesseiros são de penas, durma.

É uma pena grande e preta.

Venha dormir na minha cama.

Tem uma pena no seu travesseiro também.

Vamos deixar as penas onde elas estão, e dormir aqui no chão.

PAI

Quatro ou cinco dias depois que ela morreu, eu estava sentado sozinho na sala de casa pensando o que fazer. Andando à toa por ali, esperando que o choque passasse, esperando que algum tipo de sentimento estruturado surgisse da falsidade organizacional dos meus dias. Estava sentindo uma ressaca oca. Os meninos, dormindo. Eu bebendo. Fumei uns cigarros que enrolei, soltando a fumaça pela janela. Parecia que talvez o principal resultado de ela ter ido embora seria eu me tornar de maneira permanente esse organizador, esse mercador de clichês de gratidão, gerando listas, esse maquínico arquiteto de rotinas para criancinhas órfãs de Mãe. A dor parecia quadridimensional, abstrata, vagamente familiar. Eu sentia frio.

Amigos, família, os que andaram por aqui sendo bondosos já tinham retornado às suas vidas. Quando as crianças iam dormir o apartamento não tinha sentido, nada se movia.

A campainha tocou e eu me vi pronto para mais bondade. Outra lasanha, uns livros, um abraço, potinhos com comida para os meninos. Claro que eu estava virando especialista no comportamento das pessoas enlutadas que orbitavam por ali. Estar no epicentro confere uma curiosa consciência antropológica de todos os outros; os desconsolados, os de afetada leveza, os até-aqui-nadas, os que não vão, os mais novos melhores amigos dela, meus, dos meninos. As pessoas que ainda nem fodendo eu sei quem são. Eu me sentia como a Terra naquela imagem incrível de um planeta cercado por um grosso cinturão de lixo espacial. Achava que levaria anos até que o sonho emaranhado dos gestos encenados dos outros no lamento da minha esposa morta fosse ficar esgarçado a ponto de eu enxergar de novo o espaço negro, e claro — vai sem dizer — pensar essas coisas me deixava mal. Mas, eu pensava, para me dar um apoio, tudo mudou, e ela foi embora e eu posso pensar o que quiser. Ela aprovaria, porque nós sempre fomos analíticos demais, cínicos, provavelmente desleais, desorientados. Malvadinhos que autopsiam jantares passados com suas melhores intenções. Hipócritas. Amigos.

A campainha tocou de novo.

Desci a escada acarpetada até o frio do corredor e abri a porta da frente. Nada de postes de luz, cestos de lixo nem pedras de calçada. Nada de forma ou de luz, contorno algum, somente um fedor.

Houve um estalo, um farfalhar que me jogou para trás, que me ventou para o degrau. O corredor estava em trevas e gelado e eu pensei “Que tipo de mundo é esse em que eu seria assaltado em casa na noite de hoje?”. E então pensei “Francamente, e faz diferença?”. Pensei “Por favor não acorde os meninos, eles precisam dormir. Eu te dou até a minha última moedinha desde que você não acorde os meninos”.

Abri os olhos e estava ainda no escuro e tudo estalava, farfalhava.

Penas.

Um denso odor de podridão, doce fedor mole de comida mal-tornada-incomestível, e musgo, e couro, e fermento.

Penas por entre os meus dedos, nos olhos, na boca, por baixo de mim uma rede de penas que me levantava meio metro acima das lajotas do piso.

Um único olho negro do tamanho do meu rosto, que piscava lentamente, numa órbita seca, enrugada, protuberância de um testículo do tamanho de uma bola de futebol.

SHHHHHHHHHHHH.

shhhhhhhh.

E o que ele disse foi o seguinte:

Só vou embora quando você não precisar mais de mim.

Me põe no chão, eu disse.

Só quando você disser oi.

Me. Põe. No. Chão, eu resmunguei,
e minha urina aqueceu o berço de sua asa.

Você está com medo. Só me dê oi.

Oi.

Diga direito.

Eu me recostei, resignado, e quis que minha mulher não estivesse morta. Quis não estar estendido, aterrado, no vasto abraço de uma ave no meu corredor. Quis não estar obcecado com isso bem quando ocorreu a maior tragédia da minha vida. Eram desejos concretos. Aquilo era amargamente encantador. Eu tive certa lucidez.

Oi, Corvo, eu disse. Que bom te encontrar finalmente.

*

E ele desapareceu.

Pela primeira vez em muitos dias eu dormi. Sonhei com tardes na floresta.

CORVO

Muito romântico, o nosso primeiro encontro. Mal educado. Estrondo tombo. Apartamento dois andares, soçobrado, errame um tanto farpado, fui indo fácil parede adentro e até o sótão um quarto pra ver aqueles menininhos de algodão dormindo quietos, zumbido embriagante de crianças inocentes, felpas, farpas, fraca-faca-farta, aquilo tudo luto só, cada canto Mãe morta, cada lápis, trator, casaco, bota de borracha, tudo coberto de dor. Descendo a escada Mãe morta, patinhas das pontas nas garras agudas sussurro, até o quarto recém-da-Mãe-e-do-Pai. Eu era espírito do caçador, sem cornos, cerda. Ferda. Ei-lo aqui. Apagado. Branco de bêbado. Eu me debrucei nele e senti o hálito. Notas de sebe podre, varejeiras. Abri-lhe a boca à força e contei ossos, fiz um lanchinho nos dentes sujos, fio-dentei, corvalmente joguei-lhe a língua daqui, de lá, ergui o edredom. Beijinho esquimó. Beijinho borboleta. Dei-lhe beijinho passarinho esvoacento. Suas felpas (pé-dedinho-chepa) sacos de foder tão tristes, macios, caídos, subindo, e descendo, subindo, e descendo, subindo, e descendo, e eu rezando que alento e epiderme sussurrassem “carne, aah, carne, aah, carne, aah”, e foi lindo assim pra mim, subindo (bem a minha cara) e descendo (bem a minha cara) formato-panela (bem a minha cara) seria de espantar que os fatos da minha chegada sob o seu lençol não o puseram de pé, fedor, podre-fodre-modre, acorde, humano (PENAS DE AVE PELA TUA BUNDA, TE ENTRANDO PELO PAU, PELA BOCA) mas ele dormindo e o quarto, um mausoléu. Ele era vestígio acidental e eu sabia que era o seu melhor papel, a coisa mais divertida. Pus uma garra na bola do olho e testei o peso arrancando por prazer ou piedade. Arranquei uma pena preta do capuz e deixei na testa dele, para, a, cabeça, dele.

Como lembrança, como aviso, como dose de noite de manhã.

Como pausa na manhã. Eu vou te dar alguma coisa em que pensar, sussurrei. Ele acordou e não me viu contra o negror do seu trauma.

fuiiist, ele estalou.

fuiiist.

PAI

Hoje eu voltei ao trabalho.

Dei conta de meia hora e fiquei rabiscando.

Fiz um desenho do enterro. Todo mundo tinha cara de corvo, menos os meninos.

CORVO

Olha lá, olha, consegui ou não, ó, vê só, espetei. Livro bom, seus engraçadinhos, porta aberta, bate a porta, cospe isso, lambe aqui, ergue, ó, vê só, para com isso.

Oportunidade fresca. Deixa pra lá, toda noite, nascer do sol, só mudança, só carne isso, só carne aquilo, separar o fedor. Consegui ou não consegui, uuh, asfalto pedra-pavimento. Comestível, grudento, uma camuflagem ruim.

Me amarrem no mastro ou eu meto nela até a minha matemática lhe sair pela desculpa, desculpa, desculpa, olha! Uma mão cortada, espinheiro, uma caixa de cisnes, de histórias, arco-mijo, melhor assim, tem que parar de tremer, tem que ficar parado, eu preciso ficar parado.

Ó, vê só, vai por mim. Conseguiu ou não fielmente deixar S. Vicente em Lisboa. Vai com Deus, um tanto de fígado, faro, farejo, amaciante de roupa, couro, trilhos derretidos para bombas, balas. Consegui ou não levar a bruxa pra outra margem. Não fode, não fiz. Melro manda melodia automático amarelo-foda-se, sujo, galãzinho, piada, pio range, piada, pio tange, piada. Paciência.

Podia ter dobrado o camarada por cima de uma cadeira e dado via endovenosa uns amargos boletins da verdadeira uma-hora da morte da esposa. OUTRAS AVES FARIAM, não tem bonzinho malvadinho no reino. Melhor ir me virando.

Eu acredito no método terapêutico.

MENINOS

Nós éramos pequenos com carrinhos de controle remoto e carimbos de brinquedo e soubemos que tinha alguma coisa ali. A gente sabia que ninguém respondia direito quando a gente perguntava “cadê a Mãe?” e sabia, antes até de mandarem a gente ir pro quarto e sentar na cama, com o Pai no meio, que alguma coisa tinha mudado. A gente supôs e entendeu que seria uma vida nova e que o Pai era agora um outro tipo de Pai e nós, outros meninos, meninos corajosos sem Mãe. Então quando ele contou o que tinha acontecido eu não sei o que o meu irmão estava pensando mas eu estava pensando o seguinte:

Cadê os bombeiros? Cadê o ruído e o clamor de um acontecimento desses? Cadê os desconhecidos que se esforçam pra ajudar, gritando, arremessando itens fosforescentes de emergência pra nós, tentando acalmar e salvar a gente?

Devia ter homens de capacete falando uma nova e dramática língua de crise. Devia ter horrendos níveis de estrondo, totalmente estranhos e inadequados ao nosso confortável apartamento londrino.

Não teve multidão nem estranhos de uniforme, e não teve uma nova língua de crise. Nós ficamos de pijama e as pessoas fizeram visitas, trouxeram coisinhas.

Feriado e escola viraram a mesma coisa.

CORVO

Em outras versões eu sou médico ou fantasma. Disfarces perfeitos: médicos, fantasmas e corvos.
Nós fazemos coisas que outros personagens não fazem, como comer o luto, desdar à luz segredos e entrar em cênicas batalhas com a linguagem e com Deus. Eu fui amigo, fui pretexto, *deus ex machina*, piada, sintoma, invenção, espectro, muleta, brinquedo, espírito, truque, analista e babá.

Eu fui, afinal, “a ave central… em cada extremidade”. Eu sou modelo. Eu sei, e ele sabe. Um mito que se aceita. Que se acolhe.

Hei de inevitavelmente defender a minha posição, pois a minha posição é sentimental. Vocês não conhecem a história das suas origens, a sua verdade biológica (acidente), as suas mortes (picadas de mosquito, geralmente), as suas vidas (negação, felizmente). Não pretendo discutir absurdos com qualquer um de vocês, que nos perseguem desde o princípio dos tempos. De que serve um corvo a uma manada de humanos que sofrem? Um bando. Um soluço.

Uma chaga.

Uma tampa.

Boquiaberta.

Uma carga.

Uma fresta.

Então tá. Eu como coelhinhos, roubo ninhos, engulo sujeira, engano a morte, rio dos sem-teto esfaimados, iludo, minto. Ó, larga mão! Montoeira de tempo perdido.

Mas me toca, a fundo. Eu acho os humanos chatos, a não ser no luto. São pouquíssimos os que na saúde, no desastre, na fome, atrocidade, esplendor ou na normalidade me interessam (interessam a MIM!) mas criancinhas órfãs, sim. Criancinhas órfãs são puro corvo. Pra uma ave sentimental é perfeito, lindo, uma delícia atacar um ninho desses.

PAI

Fiz um desenho dela descosturada, costelas abertas expostas que nem xilofone com as aves mortas tocando musiquinhas nos ossos.

CORVO

Eu escrevi centenas de memórias. É uma necessidade pra figurões como eu. Acredito que digam ser imperativo.

Era uma vez um casamento de sangue, e o filho corvo estava bravo porque a mãe casava de novo. Então ele voou. Foi procurar o pai mas encontrou somente carniça. Fez amizade com fazendeiros (entregava outras aves a suas armas), cientistas (fazia coisas com ferramentas que nem os chimpanzés conseguiam), e um ou dois poetas. Acreditou, em diversas ocasiões, ter encontrado os ossos do Pai, e chorou e gritou pros nojentos Açores “eis os ossos cinzentos de meu Papai encapuzado”, mas toda vez quando olhava de novo era o cadáver de um outro corvídeo. Então, cansado dessa vida de fábulas, de saco cheio da sua celebridade agourenta, arrastou-se aos saltitos e revoos para casa. A festa do casamento ainda andava a toda e o velho corvo cinza copulando com a sua mãe numa pilha de lixo no pé da escada era ninguém mais que seu pai. O filho corvo gritou sua dor e sua confusão para os pais que se torciam. Seu pai riu. KONK. KONK. KONK. Você viveu bastante e foi corvo dos pés à cabeça, mas ainda não tem senso de humor.

PAI

Leve.

Liso.

Como brilho, o pé de um filho com talco em pó e beijado, camurça afagada ao contrário, como pó, arrepios e tremores, promessa, como praga, sementes, como tudo que tem veios, pregas, laços, ou tem número, como tudo feito natureza e violento e calmo.

Está tudo todo ausente. Nada agora é paciente.

MENINOS

Eu e meu irmão encontramos um lebiste numa poça dessas de maré. Decidimos tentar matar o peixe. Primeiro jogamos pedrinhas na água mas o peixe era veloz. Então tentamos cascalho e rochas, mas o peixe se escondia nos cantos sob frestas pequenas, ou disparava dali. Nós éramos meninos humanos e o peixe, só um peixe, então elaboramos um jeito de matar. Enchemos a poça de pedras, cercando e represando o lebiste numa área cada vez menor. Logo ele rodava lenta e tristemente na minúscula prisão e nós selecionamos uma pedra perfeita. Meu irmão arremessou com toda força e ela estalou e jogou água, n'água embaixo d'água, e deleitados nós a erguemos. Pode apostar que o peixinho morreu. A diversão sumiu inteira na larga paisagem da praia. Eu senti náusea, o meu irmão xingou. Ele sugeriu jogar o lebiste sem vida no mar mas eu não conseguia pôr a mão então nós subimos a praia correndo e o Pai nem ergueu os olhos do livro mas disse "vocês fizeram coisa errada dá pra ver".

PAI

Nunca mais vamos brigar, as nossas lindas discussões, velozes, quase modelares. Delicado ponto-cruz de desavenças.

A casa torna-se uma enciclopédia material do não-mais-dela, que não cessa de espantar e que é a diferença principal entre a nossa e uma casa onde a doença exerceu seu trabalho. Gente doente, no seu último dia na Terra, não deixa bilhetinhos em garrafas de vinho tinto dizendo "VOCÊ NEM PENSE NISSO, SEU CHUPINHENTO". Ela não estava lidando com a morte, e não restam detritos de cuidados, lidava apenas com a vida, e aí foi embora.

Ela nunca mais vai usar (maquiagem, açafrão, pente, dicionário de sinônimos).

Ela nunca mais vai terminar (romance de Patricia Highsmith, manteiga de amendoim, protetor labial).

E eu nunca mais vou comprar livros daquela coleção feminista no aniversário dela.

Vou deixar de encontrar os seus fios de cabelo.

Vou deixar de ouvir a respiração dela.

MENINOS

Encontramos um peixe numa poça e tentamos matar mas a poça era grande demais, e o peixinho nadava demais aí a gente represou e esmigalhou. Depois, eternamente, o meu irmão desenhou a poça, o peixe, nós dois. Diagramas que explicavam as escolhas. O meu irmão sempre emprega diagramas pra explicar nossas escolhas, mas não são coisas científicas, são bem ordinários. O meu irmão gosta de fazer diagramas ordinários e mal desenhados apesar de na verdade ele saber desenhar direitinho.

CORVO

Cabisbaixo, paripasso, espiando.
Cabisbaixo, saltimbranco, oscilante.
Ergue os olhos. “NOTAS ALTAS, DURAS
E INDIGNADOS KRAS” (*Collins Guide to Birds*, p. 45).
Cabisbaixo, regargalo, tropegando.
Cabisbaixo, atopetado, saltitante.
Ele podia aprender muita coisa comigo.
Por isso é que eu estou aqui.

PAI

Há um fascinante diálogo permanente entre o eu natural do Corvo e seu eu civilizado, entre o rapineiro e o filósofo, a deusa do ser completo e a mácula negra, entre o Corvo e a sua avitude. A mim parece ser diálogo idêntico ao que se passa entre luto e vida, antes e hoje. Podia aprender muita coisa com ele.

MENINOS

O pai foi embora. O Corvo, no banheiro, onde passa muito tempo porque gosta da acústica. Nós, agachados na frente da porta fechada, escutando. Ele fala bem lento, bem claro. Soa meio antiquado, como o vinil que o Pai tem do Dylan Thomas. Ele diz SÚBITO. Diz TRAUMA. Ele diz Induziu… tosse e cospe e tenta outra vez, INDUZIU. Diz SÚBITO TRAUMA INDUZIU ALTERAÇÃO DE ESTADO DE CONSCIÊNCIA.

O pai volta. O Corvo troca a melodia.

CORVO

Cá de cá, mortim de medo cá. Olá de lá, crip crop crip crop quem será o lazurinto que se serve do meu recorte? Deixa eu cabriolo essa asa acertada tapa um tapa dois, criancinhas órfãs na arapuca, na abside, em meias separadas pra panela, Pronunceie dereito, revirando e remexendo, de beiços tristimunhos e queimando-ses. Ui, pressão! Tem que ensaiar, tem que xingar menos. A nobreza de natura, haha kra haha kra haha, melhor não.

(Eu faço isso, eu mando umas coisas corvas bem doidas, pra ele. Acho que ele acha que é meio Stonehenge xamã, ouvindo o espírito-ave. Por mim tudo bem, se é disso que ele precisa.)

Megálito!

segunda parte

DEFESA DO NINHO



PAI

Catorze meses para terminar o livro para a Parenthesis Press: O Corvo *de Ted Hughes no divã: uma análise selvagem*.

Eu tenho um editor seboso, de Manchester, que me envia bilhetes encorajadores e diz que entenderia se fosse demais, agora, eu escrever um livro. Nós concordamos que o livro vai espelhar o seu tema. Vai saltitar um pouco. A Parenthesis espera que o meu livro possa atrair todos os que estão cansados da arqueologia Ted & Sylvia. A questão não são eles, concordamos. Acabamos não discutindo qual então é a questão.

Toda vez que eu me sento e confiro as minhas anotações o Corvo aparece no escritório. Às vezes largado no chão, apoiado numa asa (“Olha! Eu sou a Vênus Corvina!”), às vezes paciente, pousado no meu ombro e me dando conselhos (“Isso não é maldade com o Baskin?”). Normalmente ele fica acomodado quietinho na poltrona, lendo, chiando. Folheia livros de fotos e de poesia, entre muxoxos, suspiros. Não quer saber de romances. Só pega os de história pra rotular de mongos os grandes, ou pra xingar a igreja. Aprecia memórias e ficou encantado ao descobrir o livro sobre a escocesa que adotou uma gralha.

CORVO

Era uma vez uma ave babá, digamos que seu nome era Corvo. Tinha lido um excesso de histórias infantis russas (menininho preguiçoso pra fogueira, Baba Yaga uiva, Príncipe decente vence), mas era mesmo assim um profissional respeitado, admiradíssimo pelos pais na cidade de Londres, requisitadíssimo nas sextas à noite. No seu anúncio classificado estava escrito:

> “Bebelândia: E Além!”

A televisão desligou e o Corvo sugeriu uma brincadeira. “Vocês dois, meninos”, ele disse, “têm que fazer — aqui no chão — um modelo da Mãe de vocês. Bem que nem vocês lembram dela! E quem fizer o melhor vai ganhar. Não o mais realista, mas o melhor, o mais sincero. O prêmio é o seguinte…” disse o Corvo, passando a mão no cabelo cheiroso dos dois… “o melhor desenho eu vou fazer ficar vivo, uma mãe vivinha pra te pôr na cama.”

E os meninos, mãos à obra.

Um filho escolheu desenhar, furiosamente concentrado como pintor anão de afrescos que andasse de quatro pelos andaimes. Trinta e sete folhas de papel A4 presas juntas e um arco-íris de giz de cera, caneta e lápis, dentinhos mordendo o lábio inferior. Pesados suspiros nasais enquanto ele ajustava os olhos, coçava forte, começava outra vez, indo de cima abaixo, satisfeito com as mãos, satisfeito com as pernas.

O segundo filho escolheu uma colagem, um modelo da mulher de talheres, de fitas, material de escritório e brinquedos, botões e livros, ajustando obsessivamente — saltando de pé, deitando no chão — como um mecânico embaixo do carro. Estalos, muxoxos, enquanto contornava a mosáiquica mãe, feliz com o rosto, feliz com a altura. E, “Pronto!”, disse o Corvo.

“As duas estão incríveis”, ele disse, admirando o trabalho dos dois, “você captou o sorriso dela, você acertou a postura, ela tinha os ombros encolhidos neste exato grau!”

E os meninos mal podiam esperar para descobrir quem ganhou; “Qual?! Qual Mãe?!”, mas o Corvo se pôs aos saltitos, evitando o olhar deles, contendo a risada e virando de costas.

“Corvo, qual dessas mães de mentira valeu uma de verdade?”

E o Corvo ficou quieto, parou de rir.

“Corvo, não venha de gracinhas, faz uma Mamãe de verdade.” E o Corvo se pôs a chorar.

E os meninos assaram o Corvo num forno bem quente até restarem células somente.

Esse é o pesadelo do Corvo.

MENINOS

Então? ela disse, antes de morrer.
A gente não quer banho, a nossa bunda está limpinha!
A gente tomou banho ontem de noite.
Tudo bem, ela disse. Direto pra cama ouvir histórias.

Então? ela disse, antes de morrer.
A gente não quer banho, a nossa bunda está limpinha!
A gente tomou banho ontem de noite.
Muito bem, ela disse, quem não toma banho não ouve história.

Pode decidir.

PAI

Nós vamos encher essa casa de brinquedos e de livros e urrar como aluninhos esquecidos no passeio da escola.

Eu me neguei a perder uma esposa e ganhar tarefas, então aceitei ajuda. O meu irmão foi incrível, *me deem comida*, *me deixem gritar*, com os meninos, o banco, o correio, a escola, os médicos e a nossa família. Os pais dela foram bondosos, com a missa, o dinheiro, com a família deles, *me deixem em paz, me deem um tempo, me deem noção dela, me deixem pedir desculpas, me deixem achar um caminho que não seja a mera fúria.* Os amigos dela, as nossas famílias, com notícias e detalhes, e as coisas dela, um orgulho pra ela, fazendo tudo certinho, encontrando uma via e mostrando para nós, e nenhum clichê à vista.

MENINOS

Não demorou muito, e era a Vó que estava morrendo. Disseram que a gente podia subir, aí a gente subiu. O carpete era grosso e molinho e a gente estava sem sapato. A Vó tinha um tanque de oxigênio com rodinhas. A gente foi cada um pra um lado da cama, e pegou numa mão cada. A minha mão era enrugada, era macia, e tão, mas tão quentinha. Ela disse que tinha umas coisas pra dizer se a gente quisesse escutar. A gente falou que queria. Nasci querendo, Vó, o meu irmão disse, o que eu achei inadequado, mas ela disse “Isso, nasceu querendo, meu amor”.

Ela disse que os homens raramente eram bons de verdade, mas que muitas vezes eram engraçados, o que era melhor. “Era bom vocês se irem preparando pra desilusões”, ela disse, “no que se refere aos homens. As mulheres de modo geral são bem mais fortes, normalmente mais espertas”, ela disse, “mas menos engraçadas, o que é uma pena. Tenham filhos, se puderem”, ela disse, “porque vocês vão ser bons nisso. Podem pegar o que quiserem desta casa. Eu quero dar tudo que tenho pra vocês porque vocês são meninos preciosos, uns meninos lindos. Vocês me fazem lembrar tudo que já me interessou na vida”, ela disse.

“Vocês não odeiam ouvir esse chiado no meu peito?”

Não, a gente disse, tudo bem.

“Podem pegar os cigarros que estão nas gavetas da cozinha”, ela disse, “e um dia vocês vão ter esse chiado também. A raiz da grama da minha sepultura vai tossir e vai chiar, podem escrever.”

A gente ficou ali enquanto ela dormia e uma moça alta com um uniforme branco bem justo trocou os cobertores.

PAI

No acostamento tinha um filhote morto de raposa, olhos abertos, grudado na grama gelada, lembrando mais aborto que atropelo.

Eu era capaz de levar de bicicleta a Heptonstall ou levar descongelando até a cozinha, e pôr pros meus filhos verem. É uma obsessão.

Eu lembro quando cheguei em casa de noite e disse a ela que tinha terminado o projeto do livro, e ela disse “Que Deus nos ajude”, e nós bebemos Prosecco e ela disse que eu podia ganhar meu presente de aniversário adiantado. Era o corvo de plástico. Nós fizemos amor e eu lhe beijei as escápulas e fiz ela lembrar da história dos meus pais mentindo e me dizendo que criança criava asas e ela disse “Meu corpo não tem nada de ave”.

Nós estávamos exatamente no meio, a anos do fim, dando valor a tudo.

Eu quero estar lá de novo. Repetidamente. Quero um abraço, e quero abraçar. Era o corvo de plástico. Nós fizemos amor. A história das asas. Meu corpo não tem nada de ave.
De novo.
As asas.
O amor.
De ave.
De novo. Imploro tudo uma vez mais.

MENINOS

A gente brincava de um negócio chamado
Estrondo Sônico. A gente saía voando o mais rápido pelo meio do pinheiral que nem se fosse uma bala que passa entre as pessoas e apostava quem desviava por último de cara pra uma árvore. A gente saía voando o mais rápido pelo meio do pinheiral e aí desviava, rolava de lado a milímetros da árvore, gritando Estrondo SÔNICO enquanto escapava. Um dia eu provoquei o meu irmão. Disse que ele não tinha coragem de ricochetear na árvore que nem uma bala que raspa um ombro que foge. Eu fui primeiro e voei firme e retinho bem pra cima de uma árvore e Estrondo SÔNICO no último momento eu trisquei e minha asa estapeou o tronco, traque, e eu zuni pela floresta (que nem bala que raspa um ombro que foge). O meu irmão voou baixo demais e rápido demais e não desviou, traque, um galho pontudo furou-lhe o pescoço e ele ficou pendurado ali crocitando “estrondo. estrondo. estrondo”.
Isso é só meia-verdade.

PAI

Eles brincavam de ave, brincavam de leão. Tiveram lá suas fases: dinossauros, caminhões, Thundercats, kung fu, mentiras, esportes.

Era uma fronteira muito tênue entre o mundo imaginário e o real, pra eles, e as pessoas falando de mecanismos pra superar o trauma e de infâncias normais e do tempo. Muita gente disse “Vocês precisam de tempo”, quando a gente precisava era de sabão em pó, xampu antipiolho, adesivos de times de futebol, pilhas, arcos, flechas, arcos, flechas.

Era uma fronteira muito tênue entre o mundo imaginário e o real, pra mim, e as pessoas falando de não trabalhar demais e de períodos de recuperação e saudáveis obsessões. Muita gente disse “Você precisa de tempo”, quando eu precisava era de Shakespeare, Ibn Arabi, Shostakóvitch, Howlin’ Wolf.

Eu lembro que eles deixaram o chá pela metade e eu catei gurjões de peixe mordiscados, ervilhas frias e ketchup coagulado.

Eu lembro que eu disse “Eu vou jogar cada brinquedinho de vocês no lixo!” e eles riram.

Eu lembro de ter medo de que alguma coisa, com certeza, tinha que dar errado, se nós éramos tão felizes, eu e ela, nos primeiros dias, quando o nosso amor ia tomando a forma da nossa vida como massa de bolo que ocupa os cantos da forma ao crescer e assar.

Eu lembro do meu primeiro encontro, aos quinze anos de idade, com uma menina chamada Hilary Gidding. Uma moeda caiu pelo encosto das poltronas do cinema e nós dois metemos a mão na estreita fenda felpuda das poltronas com caroços de pipoca e canhotos grudentos de ingressos e nossas mãos se tocaram, afagando o carpete, tateando, querendo a moeda, e foi elétrico. O pulso preso pelo estofado, o escuro, o acaso, a maravilhosa sujeira dos espaços públicos.

MENINOS

O Pai e o Corvo estavam lutando na sala de estar. Porta fechada. Vinha um grave constante cauera scrá, kaar, cauera scrá e o Pai dizendo Pare, Pare com isso, kaar, kra, e corta, engasga e cospe, e xinga, escronca, late, chora, um doido tom de gamelão de pedaços de vozes paternas e bruscos chamados de ave, mais baques e pios e mais rasgos, pontadas.

O Corvo surgiu, arrufado, estanhado. Ele delicadamente fechou a porta ao sair e sentou com a gente na cozinha.

Nós ficamos colorindo figuras do zoológico com as canetinhas hidrocor e o Corvo fazia os contornos.

PAI

Eu lembro, ela fazendo força quando mandavam fazer e a parteira jamaicana dizendo “Faz força, minina, faz força”. Ela disse “Eu não quero fazer cocô”, e eu ri e disse “Tarde demais”. Aí veio o filho um, coberto por um estranho creme fedorento, faminto e pequeno.

Eu lembro, ela fazendo força quando mandavam fazer e a parteira escocesa dizendo, “Nossa, olha uma cabeça”. Ela disse “Está doendo, caralho, caralho-caralho, está doendo”, e nós dois chorando e veio o filho dois, roxo, berrando e flexível.

Ela é a sra. Laocoonte, de pé na praia de braços cruzados, dizendo “Olha esses meninos, cacete”, e nós estamos cinco metros mar adentro, entre os dentes da tristeza.

MENINOS

Às vezes a gente fala a verdade. É o nosso jeito de ser bonzinhos com o Pai.

PAI

Introdução: O pesadelo do Corvo Eu sinto saudade da minha mulher
Cap. 1. ~~Perigos Mágicos~~ Eu sinto saudade da minha mulher
Cap. 2. ~~Reino de Silêncio~~ Eu sinto saudade da minha mulher
Cap. 3. ~~Trickster Imortal~~ Eu sinto saudade da minha mulher
Cap. 4. ~~Desastre Afrodisíaco~~ Eu sinto saudade da minha mulher
Cap. 5. ~~Tragicomédia~~ Eu sinto saudade da minha mulher
Cap. 6. ~~O Bebê (Deus) no Lago~~ Eu sinto saudade da minha mulher
Cap. 7. ~~A Canção~~ Eu sinto saudade da minha mulher

Conclusão: Recuperação e Crescimento Eu sinto saudade da minha mulher

CORVO

Era uma vez dois homens adultos que eram irmãos um com o outro. Eram irmanados um com o outro, assim.

As solas das botas do maior estavam furadas aqui e ali. Quase um quilômetro depois de sair do vilarejo no Morro do Moinho ele ficou com as meias molhadas, grudentas, e mencionou a ideia de voltar para pegar botas melhores mas o menor seguiu andando.

“Fora essas, só tem as minhas botas velhas, e elas iam ficar pequenas em você.”
“Verdade.”
“As minhas botas de reserva são melhores que as tuas únicas.”

Eles subiram a muito custo o morro íngreme escalando estreitas escarpas de giz como nadadores que vencem ondas e no topo pararam para contemplar o vilarejo bem acomodado na palma da mão do vale.

“Vai ser duro com essas botas de merda, irmão. A gente pode andar por pedras cortantes ou ter que pisar em ramos de espinheiro.”
“Acho que pode ser mesmo.”
“Aí vai ser duro, só estou dizendo isso.”

O menor puxou e cuspiu uma esfera de catarro ocre no portão do moinho e xingou seu proprietário. O maior riu.

Eles desceram rápido pelo bosque de salgueiros que cobria o lado oposto do Morro do Moinho. Um teto de luminosos retalhos se erguia sobre eles e o chão escuro era todo rasgado de luz.

Um cervo saltou de um azevinheiro e o maior sussurrou “Oi, meu amigo”.

O outro irmão fez uma arma com a mão e gritou “CABUM” e um faisão assustado decolou apressado para o verde neon, rindo baixo.

Interpretação de Texto:

- Você acha que os irmãos deste trecho são realistas?
- A ambientação rural da história muda a sua maneira de se envolver com os personagens?
- Se as botas são uma metáfora da capacidade de lidar com o luto, quem você acha que morreu?

- Escreva o parágrafo seguinte do conto, concentrando-se nos temas de homem contra natureza, botas, irmãos e a Revolução Russa.

MENINOS

Ela morreu espancada, uma vez eu disse pra uns
meninos numa festa.
Ah, que merda, rapaz, eles disseram.
Eu minto sobre a sua morte, eu sussurrei pra
Mãe.
Eu faria o mesmo, ela sussurrou em resposta.

PAI

Eu lembro, ela fingindo que gostava mais do que gostava de verdade de ver cerimônias de entrega de prêmios só porque isso me deixava surpreso, mas aí eu dizia a ela que essa ou aquela cerimônia estava passando e a gente tinha que ficar vendo. Vamos pra cama, ela dizia, a gente nem sabe direito quem são essas pessoas.

Vencedores, eu disse. Cada filho de uma puta feio oco e com cara de cu.

E lá íamos nós pra cama.

Tem dias em que me dou conta que ando esquecendo coisas básicas, aí corro lá em cima, ou lá embaixo, ou onde for e digo “Vocês têm que saber que a Mãe de vocês era a pessoa mais engraçada e mais maravilhosa. Ela era a minha melhor amiga. Era tão sarcástica e carinhosa…” e aí eu perco o embalo porque tudo me parece tão grosseiro, tão preguiçoso, e eles concordam com a cabeça e dizem “A gente sabe, Pai, a gente lembra”.

“Ela ia me chamar de sentimental.”

“Você é sentimental.”

Eles me oferecem um lugar ali com eles no sofá e a dor de eles serem tão naturalmente bons lembra apendicite. Eu preciso me dobrar em dois e me conter porque eles são tão bonzinhos e continuam regenerando e recarregando essa bondade, sem auxílio meu.

CORVO

Tente considerar todos os três, em um, antes de nos aproximarmos. A está para B como C está para A mais B menos C. Lindo. Olhe de novo, isso mesmo, passe. Agora da esquerda pra direita? Isso. Agora da direita pra esquerda. Isso. Agora passe por todos eles por um Um Dois Três? Agora absorva os três ao mesmo tempo. Agora de novo, Um Dois Três? E… absorva. Ok, vamos entrar:

À esquerda nós temos o pai. Essa imagem ocupa a posição funcional do vamos-lá, do o-quê, o que eu gosto de ver como George-Dyer-na-privada, o margem-esquerda, o içamento, o ponto de educação, a igreja vazia, o degrau de tortura, o painel da dor, o musculoso.

No meio, euzinho. Nesga negra emplumada e fedor de morte. Tadá!! Este é o cerne apodrecido, o Grünewald, os cravos nas mãos, a agulha na veia, o trauma, a bomba, a coisa depois da qual não se escrevem mais poemas, a porta que bate, o *in-principio-erat-verbum*. Bem mas-qual-é. Bem esporte-violento. Bem histórico-universitário.

Mas não pare de olhar. O tríptico trata de formas de nunca parar. É cultura. À direita temos os meninos. Duas formas, mas um só contorno, podia ser mulher, podia ser homem, mal podemos decifrar as quatro perninhas e braços (o vitelo recém-nascido do painel da direita!) e rostinhos minúsculos plenos de esperança. E súbito fazem sentido os outros painéis, isso é pura matemática, isso é lógica antiga. Isso é natureza. Isso é o que eu chamo de decolagem, estilo maduro, dez anos de ida pra casa, a flecha pelo olho, a fuga. Bem pôr do sol. Bem bardo. Bem pungente.

MENINOS

A Mãe vivia pegando no pé de nós três por sujar o espelho de pasta de dente.

Por alguns anos a gente espirrou e cuspiu e escovou em excesso e o nosso espelho ficou uma zona de manchas brancas e a gente tinha um estranho prazer com aquilo.

Um dia o Pai limpou o espelho e nós todos concordamos que ficou genial.

Várias outras coisas passavam. A gente mijava no assento. E nunca fechava as gavetas. A gente fazia essas coisas pra sentir saudade dela, pra ficar querendo ela de volta.

PAI

Óleo, quando você olha mais de perto lama, quando olha mais de perto areia, quando prova o gosto, limo sendo linda seda.

Eu tinha tanta saudade dela que queria construir um memorial de trinta metros de altura com as mãos nuas. Queria vê-la sentada em imensa cadeira de pedra no Hyde Park, admirando a paisagem. Todo mundo que passasse ia poder compreender o quanto eu sinto saudade. Como é física a minha saudade. Minha saudade dela é tanta que é imenso príncipe dourado, uma sala de concertos, milhar de árvores, um lago, nove mil ônibus, milhão de carros, vinte milhões de aves e mais. A cidade inteirinha é a minha saudade.

Urgh, disse o Corvo, você soa como um ímã de geladeira.

MENINOS

Na grama crescida eu descobri trilhas comprimidas, quem sabe eram do meu irmão, então eu sussurro “Mano, você está aqui?” e os adultos que passam nos veem, a um metro um do outro, mas estamos em catedrais infinitas, imensas.

O Corvo ri baixinho. “Estou aqui, não me enxerga, Eu sou veeeerde!”

PAI

Eu disse ao meu melhor amigo, Ela ficava irritada comigo quando eu ficava um dia mais pra festa do time de futebol no fim do semestre, porque a gente ia pegar o trânsito todo do feriado. O meu amigo disse, Você tem que parar de pensar assim, a respeito dela. Existe o luto e existem obsessões impraticáveis.

Eu tinha uma obsessão impraticável por ela antes, eu disse. Você está conversando com algum profissional? ele disse. Pra falar dessas coisas?

Estou, eu disse.
E a pessoa é boa?
Muito boa.

Eu quase ri, de pensar no Corvo num escritório, no Corvo bicando um recibo, Corvo recomendado por um médico, ou cadastrado no sistema de saúde. O Corvo comentando Winnicott, sacudindo a cabeça, mas tendo que admitir que prefere Klein.

Sim, eu disse ao meu melhor amigo. Não precisa se preocupar, eu estou contando com ajuda.

MENINOS

Mais ou menos quando a Mãe morreu teve um furacão e muitas árvores caíram. No bosque de faias perto da casa da Vó ficaram várias árvores semiderrubadas, apoiadas diagonalmente nas que ficaram de pé.

Eu subia, bem altão, até o meu peso fazer a árvore caída escorregar e eu despencar lá de cima. Às vezes em macios berços acolchoados de folhagem, às vezes em ninhos de ramos cortantes. Meu irmão berrava CARNE MORTA!

Não lembro se essa brincadeira foi ideia do meu irmão, ou do Corvo.

O Pai veio pegar a gente no bosque no fim da tarde e disse “Você está sangrando. Cacete, você está sangrando por tudo”. Eu estava amortecido de frio e os arranhões formigavam e o Pai disse pro meu irmão pensar bem sério sobre o seu comportamento.

CORVO

Esta aqui é verdade:

Era uma vez um demônio que comia sofrimento. O delicioso aroma do choque puro e da perda inesperada soprava das portas e janelas do triste lar de um viúvo.

Portanto o demônio foi dar um jeito de entrar.

Era de noite e os bebês estavam limpos e o marido lhes contava histórias quando veio uma batida na porta.

Ratatá. “Abram, abram, sou eu, lá do 56. É… É o Keith. Keith Coleridge. Eu estou precisando de um pouco de leite.”

Mas o razoável pai sabia que não havia número 56 na ruazinha calma, então não abriu a porta.

Na noite seguinte o demônio tentou de novo.

Ratatá. “Abram, abram, eu sou da Parenthesis Press. É o Paul. Paul… Toomba. Eu ouvi o noticiário. Estou arrasado por ter demorado tanto pra vir visitar. Eu comprei pizza e uns brinquedos pros meninos.”

Mas o atento pai sabia que havia um Pete da Parenthesis e um Phil da Parenthesis, mas nunca houve Paul da Parenthesis, então não abriu a porta.

Na noite seguinte o demônio correu para a porta, com luzes azuis e barulho.

Ratatá. BANG. BANG. “Abram! Polícia!
Nós sabemos que vocês estão aí, é uma emergência, vocês têm cinco segundos pra abrir a porta ou nós vamos derrubar.”

Mas o experiente enviuvado conhecia um pouco a lei e pressentiu a mentira.

O demônio foi embora e ficou pensando o que fazer. Era tabloidemente vil, então pensou num plano poderoso.

Ratatatá. Toc. Toc. Toc. “Meninos? Sou eu. É a Mãe. Querido? Você está aí? Meninos, abram a porta, sou eu. Eu voltei. Meu amor? Meninos? Me deixem entrar.”

E os pequenos arremessaram desesperados os edredons, passaram as perninhas pela beira da cama e desceram a escada correndo. O fundo de seus perplexos corações infantis estava cheio de desejo e eles formigavam, corriam aos saltos rumo ao antes, antes, antes disso tudo. O pai, embriagado pela voz da amada, desceu veloz atrás deles. O som da voz dela era penetrante, como uma fome atada à lua que se erguesse em cada poro cru, vazio, desconsolado, desfazendo-se, delicioso desfazer-se.

“Já vamos, Mãe!”

O amigo e hóspede deles, que era um corvo, parou os três à porta.

Meus amores, ele disse.

Meus queridos, meus tristes amores. Não é ela. Voltem pra cama e me deixem cuidar disso. Não é ela.

Os meninos sopraram de novo pra cima um amassado pai de papel crepom, com um sob cada braço para guiar sua ausência de peso, e o puseram para dormir. Então sentaram-se à janela olhando para baixo e vendo o que acontecia e gostaram muito, pois meninos são assim.

O Corvo saiu, sorriu, farejou o ar, deu boa noite com a cabeça e fechou a porta com um chute atrás de si. Então o Corvo demonstrou ao demônio o que acontece quando um corvo expulsa um intruso do ninho, havendo filhotes no tal ninho:

Um KRONK estrondoso, um salto, batida no chão, uma dança distraída, um HONK, rodopio e arranque, como um disco que se quase arremessa mas não solta conduzido anatomicamente fixo e explosivo, bico lançado, duro, martelado, contra o crânio do demônio com estalo, com jorro, depois enfiado por ossos, por cérebro, fluidos, membrana, na espinha que esguicha, entre vértebras partidas, nas vértebras migalhas, vértebras mascadas cuspidas e um-dois-três-quatro-cinco até lá embaixo veloz como piranha, triscando, corando, desmontando a matéria demônia, manchando de sangue e de gosma medular e merda e mijo, desemaranhando entranhas, estirando ligamentos e nervos por tudo espaguete animado lã embrulhada martelo, e garras, e rasgos, cortante, lambente, arrotante, francamente adorando a jornada de causar dor, e dor e dor, para o Corvo era como um lindo cesto cheio de papéis de fritas e sorvete e de salsicha e filhotes de piscos e tudo quanto é doce terrível, fisicamente revigorante como um vento oeste nas charnecas, como olmo de castelo pula-pula sob a brisa, como antigos

prazeres da família das espécies profundas. E o Corvo se vê empolgado numa poça de gosma, cuidadosamente revirando e cutucando restos de demônio rumo a um ralo.

Missão cumprida, o Corvo caminha orgulhoso, aos saltos pela rua, lançando alertas enquanto os meninos de pijamas aplaudem e comemoram — silentes-trás-vidros — da janela do quarto. O Corvo lança alertas à cidade à larga, alertas em versos, alertas em muitos idiomas, alertas com bordas sangrentas, alertas com humor, alertas com dança e ameaças subgraves e trocadilhos de vodu e uma espetacular feiura anciã.

Satisfeito com sua defesa do ninho, o Corvo sai à toa em busca de comida.

PAI

Que piada ruim, sonho ruim, poema ruim, tão diferente, esse cor

cor

cor

cor

cor

t e, po, r if eu, tejo.

Corh

Cohr

chor

a

ndo

MENINOS

Ele era jovem e bom e às vezes engraçado. Era calado depois ficava enfurecido depois rancoroso e estranho, depois ficou obcecado e teve visões e escreveu, escreveu, escreveu.

Venham aqui dar uma olhada, o Corvo disse.
Parece que o Pai de vocês morreu!

Nós entramos sorrateiramente e o quarto cheirava a rato podre e havia cinzeiros em cima do edredom e garrafas pelo chão. O Pai estava estendido com um brinquedo quebrado e a boca dele era um cinza frouxo e desmontava como bolo desandado.

Pai, você morreu?
Pai, você morreu?
Um longo peido gemido em resposta e o Pai esperneou.
Claro que não morreu, sua mula, disse o meu irmão.

Eu nunca falei que tinha morrido, eu disse.
Ups, disse o Corvo.
Eu não morri, disse o Pai.

PAI

Caro Corvo,

Hoje eu fiz um desenho que me deixou bem orgulhoso. É um desenho de você, sentado numa cadeira, com um fantoche do Ted. Na sua frente está o Ted, sentado numa cadeira, com um fantoche de você. Ficou parecidíssimo!

O Corvo fantoche do Ted tem um balão. O fantoche de Corvo está dizendo "TED, VOCÊ FEDE QUE NEM UM AÇOUGUE".

Acho que você ia adorar.

MENINOS

O Pai contava histórias e as histórias mudaram quando o Pai mudou.

Eu lembro de uma história sobre um caçador de ratos. O caçador de ratos pregava os rabos dos ratos mortos na cabeceira da cama, um, dois, três, quatro, cinco. O caçador de ratos matou o rei dos ratos e todo mundo sabe que um rato rei só morre se você ferve o coração dele. Enquanto o caçador dormia o rabo do rato rei se soltou da cabeceira e saiu percorrendo a fileira trançando os rabos dos amigos mortos pra fazer uma forca e eles esganaram o caçador de ratos. Caçador de ratos, rato, disse o Pai, o que é que vocês acham dessa?

O Pai contava histórias e as histórias mudaram quando o Pai mudou.

Eu lembro de uma história sobre um escritor japonês que caiu na própria espada que era tão afiada que cortava sangue e saiu limpinha das costas dele.

Eu lembro de uma história de um guerreiro irlandês que matou o filho por engano mas quando percebeu ele não se incomodou muito porque o filho bem que merecia.

PAI

Tem um pedaço do balcão da cozinha onde eu me encosto enquanto os meninos comem cereal. É um pouquinho distante do pedaço do balcão da cozinha onde a minha mulher se encostava.

ESTÁ MUITO PESADO, NÃO TEM COMO DIZER QUANTO TEMPO VAI DURAR MAS NÓS TEMOS MUITO MEDO POR CAUSA DAS PESSOAS QUE ESTÃO PRESAS NA CIDADE.

Os meninos ouvem as notícias. Eles precisam saber. Eu falo muito de guerra.

Perda e dor no mundo são inimagináveis mas eu quero que eles tentem.

CORVO

Notas para minhas memórias literárias de estilo idiossincrático, se eu puder:

Eu adorava esperar, no meio da tarde, sozinho na casa deles, que eles voltassem da escola. Reconheço que podia ser acusado de mostrar sintomas relacionados a fantasias maternais não realizadas, mas eu sou um corvo e nós fazemos muita coisa no escuro, até brincar de Mamãe. Eu só ficava dando umas bicadas, olhando isso, olhando aquilo. Erguendo uma ou outra meia ou peça de quebra-cabeça. Eu fazia uns cocozinhos mirrados nuns lugares que sabia que ele nunca ia limpar.

A primeira coisa que eu ouvia eram os agudos contracantos entrelaçados e os trinados de conversas, cantoria e alegria. Os meninos. Podia vir um baque quando eles trombavam contra a porta da frente, e depois uma pausa de tomar fôlego enquanto o Pai vinha atrás. Ele abria a porta e com um estalido o apartamento se enchia de barulho, Tirando os Sapatos, Largando as Mochilas Por Favor, Não deixe isso aí, eu disse Não, deixe, isso aí, vamos, chip tchop tchip chop escada acima.

Homenzinhos cansados têm uma pose preguiçosa que é linda, eles rolam e se largam e desmontam no interlúdio antes de começar a procurar comida ou diversão, e eu ficava sempre tomado por um atípico otimismo e uma empolgação quando via os dois se espreguiçarem relaxados no poleiro. E açúcar! À tarde quando ele dava um doce, ou eles escalavam o armário e roubavam — como corvos — o estoque do pai. Se você não observou filhotes humanos depois de grandes quantidades de açúcar, você tem que observar. Eles ficam altos e perturbados, hilários, por coisa de uma hora, e aí desmoronam.

A semelhança com filhotes de raposa embriagados de sangue é impressionante.

MENINOS

A gente catava os elásticos que o carteiro derrubava. A gente pensou em fazer uma bolona gigante. A gente desistiu.

A gente fez bases, acampamentos, covis, abrigos, fortes, bunkers, castelos, casamatas, túneis e ninhos.

Ficamos vendo Londres e Londres oferecia mães possíveis de calças jeans e camisetas listradas, Ray-Bans, então a gente percebia cada uma e gostava da perversa autoflagelação insensível que isso tudo representava. Empinamos o nariz pra uma babá que disse “Como é que vocês conseguem rir disso, de uma coisa tão triste?”.

A gente se equilibrava no encosto do sofá e mergulhava no carpete e o Pai gritava Vocês acham que isso aí não machuca o joelho mas machuca sim e quando vocês estiverem com a minha idade vão ter sérios problemas nos joelhos, tá?, e eu não vou ficar empurrando vocês num carrinho que nem uns mendigos tristonhos e se vocês acham que é mentira deviam era ver os joelhos da vó de vocês, destruídos, parece uma foto aérea de um campo de batalha, ela mal conseguia ajoelhar, por causa do desrespeito pelas articulações na infância, balé, basicamente, mas pular de sofá também, e aí eles cortaram os joelhos dela, isso foi antes das cirurgias a laser, e se vocês não acreditam em mim podem

A gente deixou de ouvir e continuou pulando.

Depois da chegada das cirurgias a laser mas antes da puberdade, antes do constrangimento, antes do ensino médio, antes do dinheiro, do tempo ou do gênero sexual dar a sua dentada. Antes de a linguagem ser uma armadilha, quando era labirinto. Antes de o Pai ser um homem nos últimos trinta anos de vida. De verdade, pensando bem, a melhor hora possível pra você perder uma mãe.

PAI

“Essa eu te conto de graça”, disse o Corvo.

“Hmm.” (Eu tentando trabalhar, tentando alimentar um pouco menos a ideia do Corvo depois de ler um livro sobre alucinações e psicose.)

“Se a sua mulher é um fantasma, então ela não está uivando nos armários e pelos cantos da casa, não está largada por aí lamentando a perda da posição materna ou a dor lancinante de ficar vendo vocês viverem sem ela.”
“Não?”
“Não. Vai por mim, eu entendo um tanto de fantasmas.”
“Vai em frente.”
“Ela vai estar bem lá atrás, antes de vocês. Vai estar na aurora da vida, na infância querida. Os fantasmas não assombram, eles regridem. Sabe quando você tem que dormir e fica pensando em árvores ou num gramado? Você está imediatamente se refugiando numa iconografia pré-fabricada de segurança e satisfação anteriores. É bem pra esse lugar que os fantasmas vão.”

Eu olho pro Corvo. Nesta noite ele é Polifemo e tem somente um olho, uma brilhante bola-oito de couro.
“Anda, então. Conta.”
“Sério?”
“Por favor.”
“Eu não sou macaco de circo.”
“Conta.”
“Está mais pra um cheiro, ou uma lembrança sinestética, mas é mais ou menos assim…”

Ele fica imóvel. Seu pescoço deixa de se projetar, seu bico para de estocar o ar. Pela primeira vez desde que chegou ele deixa de sugerir uma constante prontidão à violência em sua postura.

Fica mais imóvel do que eu jamais vi um animal não-empalhado ficar. Cadavérico.

“Certo… p p p, isso, espera lá, parabum parassaurolofo olha com a mãe espia e casamentos aguenta lá, ignore essa parte, vamos nessa…

Brincadeiras! Prédio da Cruz Vermelha, piso de parquê, keds. Brownies. Bolinho de chuva.

Goiabinha. Concursos de dança.
Goiabinha. Colchas de Retalhos para
Iniciantes. Tinta invisível.
Pega, quer dizer, mãe-cola, você sabe. Balança de pneu. As mãos imensas do pai dela.
Poças de maré (Yorkshire?). Catar siri, redes, sardinhas, se esconder, esperar.
Adição (ábaco? contas?).
Cama elástica/balas de anis/ovos pintados.
Aparas de lápis apontado? A Terra dos Sonhos, Robert o… alguma coisa, Robert o Cavalo Rosa?”

Nós ficamos ali em silêncio e eu percebo que estou sorrindo. Eu reconheço certas coisas. Acredito nele. Acredito absoluta e encantadamente nele e tudo parece muito familiar.

“Obrigado, Corvo.”
“Tudo incluído no serviço.”
“Sério. Obrigado, Corvo.”
“De nada. Mas por favor não esqueça que eu sou o canto-lenda do seu amigo Ted, Corvo do arrepio da morte, por favor. O filho da puta de uma bomba matemática que come deuses, lambe lixo, assassina palavras, profana carcaças, e coisa e tal.”
“Ele nunca te chamou de filho da puta.”
“Sorte a minha.”

MENINOS

Era uma vez dois meninos que de propósito lembravam errado certas coisas sobre o pai. Isso fazia eles se sentirem melhor quando esqueciam certas coisas sobre a mãe.

Havia muitas equações e transações naquela pequena família. Um menino sonhou que tinha assassinado a mãe. Foi ver se não era verdade, e então pôs no lixo uma valiosa colher de prata que seu pai tinha herdado. Fez falta. Ele se sentiu melhor.

Um menino perdeu o precioso bilhete de “boa sorte” que a mãe pôs na sua lancheira. Ele chorou, sozinho no quarto, e depois jogou um carrinho de brinquedo no pôster emoldurado de Coltrane que era do pai. Estilhaçou. Ele se sentiu melhor. O pai varreu devidamente os cacos e compreendeu.

Havia muitos castigos e expectativas naquela pequena família.

PAI

Os meninos brigam.

MENINOS

O frio despertou um deles, então ele acordou o outro dizendo O PAI FOI EMBORA, e o outro concordou. A mãe tinha ido — tinha ou deitado na neve e morrido dormindo ou sido levada por lobos — então eles entendiam um pouco dos cheiros e sons de uma casa quando um dos pais vai embora, e tinham razão, o pai tinha ido embora.

Talvez, disse um dos meninos, ele volte, e o outro menino bagunçou seu cabelo e sorriu com os olhos porque não, ele não ia voltar. Um pai que foi embora é pra sempre um pai que foi embora.

Então eles cantaram a musiquinha da arrumação enquanto andavam por tudo, guardando coisas, e vestiram todas as roupas que tinham, ficaram parecendo bem mais gordos do que eram, e saíram.

Caminharam por três dias, dormindo só quando rolavam morro abaixo, pra nunca ficarem parados. Perderam o corpo infantil e criaram barba e foram tirando camadas de roupas e no quarto dia, quando nasceu o sol, eram grandes homens nus.

Olha como você ficou, um disse ao outro. Olha como ficou o nosso pipiu, disse o outro ao seu irmão.

Chegaram a um pequeno chalé e bateram na porta. Assim que a lindíssima mulher veio abrir eles perceberam que não estavam prontos para a ideia de ela não ser uma mãe, então correram para casa, pim pim piu, morro acima, atravessando a floresta congelada, entraram na casa, escada acima, já pra cama — olhos bem fechadinhos — e quando acordaram seu pai preparava o café da manhã.

PAI

Nós fomos a uma Mostra de Aves de Rapina em Pleno Voo. Num campo aberto. No meio do mato em algum lugar, com meia dúzia de velhotes queridos e o guia ruivo e gordinho com um microfone sem fio, e a gente de fone; “e lá vem ela, a estrela do show”.

A primeira ave era uma águia careca, impressionante, imensa, com uma envergadura de quase dois metros. Uh, nossa, nós dissemos. Uh, nossa. Os meninos ficaram fascinados.

“Agora vejam que ela está decidindo se vai ou não até o AH-UPALALÁ, LÁ VAI ELA, sobe, sobe, LÁ EM CIMA, MENINA, muito bem, MINHA MENINA!”

E ela planava. *Pairava*. Pairávamos nós.

Os meninos estavam agarrados às cadeirinhas de plástico e o artifício situacional de uma ave cativa realizando um espetáculo se desmanchou e fiquei simplesmente empolgado com a águia careca. O esplendor físico da águia.

“Ah, agora você veio pra cá, e quem é aquele carinha ali? Ai, jesus cristinho, vem cá que eu já te como, desculpa os termos, pessoal. Como é primavera o corvo carniceiro aqui do campo está protegendo os ovos, como vocês também fariam se tivesse uma porcaria de águia por perto, E OLHA ESSA! Aquele ali, senhoras e senhores, é um filho de uma puta pra lá de corajoso. Aquilo é um corvo, SURFANDO NUMA ÁGUIA CARECA!”

Eu olhei de lado e os meninos tinham se dado as mãos, sozinhos.

“Senhoras e senhores, eu lhes apresento a porra de um milagre da natureza. Ou seja, duas aves basicamente demonstrando uma porrada de respeito uma pela outra. Você pode ser pesada pra caralho, ter umas quarenta vezes o meu tamanho, mas se tu chegar perto da merda dos meus ovos eu já te ensino umas coisinhas desse negócio de voar!”

Nós três saltamos imediatamente de pé. Aplausos de todos. “MANDA VER, CORVO!” nós gritamos.

“E por que não”, disse o enrubescido amante de pássaros, nosso chapa, nosso guia, “E por que não, cacete. MANDA VER, CORVO!”

Manda ver, corvo. Manda ver, corvo.

E aquele foi provavelmente o melhor dia da minha vida depois que ela morreu.

MENINOS

Era uma vez um rei que tinha dois filhos. A rainha tinha caído do alçapão do sótão e quebrado a cabeça e como os criados do reino estavam ocupados lustrando esculturas para o rei, ela morreu de hemorragia. O rei vivia ocupado na vã tentativa de quebrar feitiços e prevenir pequenas guerras. E era assim que os pequenos príncipes brigavam.

Eles estapeavam. Um soquinho, um murrinho. O príncipe mais novo, baixinho e gordo (chamado de Ivan, o Preguiçoso, ou Besta Culpada, ou Lobo Guloso) puxava a cadeira e fazia o irmão se estabacar no piso frio de mármore. Rasteiras, primeiras topadas, patadas.

Então, como sentiam falta da mãe, mais e menos, as brigas foram ficando melhores, piores. O bonito (chamado de Príncipe Daqui-a-Pouco, ou Águia À-Toa, ou Cervo Faminto) ajoelhava no irmão sobre a carne molinha debaixo do braço, e esfregava o joelho no músculo que escorregava. Eles se deitavam em extremos opostos dos bancos da sala do trono e chutavam chutavam chutavam chutavam chutavam até que o seu irmão que chorava aos soluços pedisse piedade, mais forte.

Então se morderam. E tentaram se afogar. Então tentaram queimar o cabelo um do outro. Eles se ataram, torceram-se os pulsos, trocaram chás de cuecas, cuspiram.

Então encontraram um livro de venenos e se revezaram causando-se náusea. Então enforcaram-se mutuamente. Então esfolaram-se vivos. E se crucificaram. Meteram pregos enferrujados no crânio um do outro.

Um dia o rei, que calhava de estar passeando pelo labirinto do palácio, topou com seus filhos ensanguentados armados de balestras, ambos consumidos por uma volúpia assassina.

“Meus lindos vitelos, meus espevitadinhos, por que brincar desse jeito?”, perguntou o rei.

“Porque sentimos tanta falta da nossa mamãe”, os menininhos cantaram a uma só voz.

O rei urrou gargalhadas e bateu na barriga suína esticada.

“Meus diabinhos adorados, vocês precisam aprender tanta coisa sobre o que significa ser rei. A rainha era tão mãe de vocês quanto era minha. Só deus sabe qual rapariga dessas aí do corredor cuspiu vocês no mundo, mas podem apostar que não foi aquela amiga-de-uma-amiga que eu chamava de Rainha.”

Então os meninos, bem aliviados, trocaram um aperto de mãos e acabaram virando reis muito bem-sucedidos, de reinos grandes, lucrativos.

CORVO

Crico com craco, pulofungo e teagarro, trazendo esse lixo, cantando pro bicho.

Uma vez eu perdi uma esposa, e uma vez é quanto um corvo pode perder uma esposa. Ah, facas. Acabei de lembrar um negócio.

Ele voou via genuflexão de Tintagel—Carlyle passando por Morecambe—Orford, bem doudo, tentando se envenenar com framboesas proibidas e lindas igrejas, mas o lixo das ruas da Inglaterra o salvou. Linhas de Ley o jogaram por todo o país sem ter tempo pra dor, cabos elétricos catapultaram frouxos buquês de ossos negros como asfalto e de penas, e outros corvos caíram choventes do céu, tempestade de corvos morridos, chuveiro de penas da empena do outeiro, mas nosso corvo bicou e picou latinhas de refrigerante e camisinhas salgadas e cigarros mentolados, e a borrasca de fogo passou-lhe por sobre a cabeça, como a história escrita por sobre a classe operária. Amora, groselha, mirtilo, abrunheiro. Ameixa, pera, maçã da azedinha, hematomas. Coágulos, muco, tumores, marmelo.

Ele olha uma poça de óleo e vê que o seu bico tem cores fortes, listradas de rubro, de verde, de roxo e laranja. Parece uma porra de um papagaio-do-mar.

Abre a boca para gritar e sai linda ária inglesa, como de um melro ou da porra do Ivor Gurney.

Esse é outro dos pesadelos do Corvo.

MENINOS

Era uma vez o dia em que o nosso Pai foi de ônibus até Oxford pra ouvir o seu herói, Ted Hughes, dar uma palestra. Isso foi quando o Ted Hughes estava grisalho e quase morto e o Pai tinha recém se formado. Ele nunca tinha ido a Oxford e ficou chocado porque lá tinha umas lojas normais, McDonald's e tal. Ele não acreditou quando viu uns baderneiros chutando lata na rodoviária. Ele achava que ia ver só catedráticos refletindo sobre coisas.

Ele chegou três horas adiantado, então comprou uns discos numa loja que andava na moda. Ele comprou uma coisa que não queria porque ficou com vergonha e não quis corrigir o cara do balcão. Entrou num bar e bebeu dois canecos de Guinness e fumou um cigarro atrás do outro. O nosso Pai era calado, arisco e romântico, e dava pra você fumar nos lugares daquela época.

O nosso Pai ficou desencantado com o tamanho e a modernidade de Oxford. Ele tinha pensado que podia topar com o Ted, ou com Peter Redgrove, antes da palestra. Aí ficou com vergonha da própria ingenuidade e tomou um terceiro caneco. Ele estava lendo Osip Mandelstam e sublinhando e dobrando páginas, copiando trechos num caderno. Tinha suposto que o bar estaria cheio de jovens pensadores fazendo bem assim, mas o bar estava vazio, fora um sujeito com uma camisa dos Spurs e um beagle.

O nosso Pai estava num barzinho de merda bem grudado na rodoviária.

Ele tinha opiniões pra lá de atuais sobre Hughes e Plath. Uma dessas opiniões é que chegava daquilo. Era hora de parar com aquela merda e avaliar a poesia sem essa brigarada por causa de cada lado da biografia. Ele era pró-Ted, o nosso pápis. No ônibus pra Oxford ele tinha imaginado vigorosas discussões num bar com paredes cobertas de madeira, com um bando de admiradores de Plath. "Tá bem, Tá bem, nós vamos aceitar *River*", eles diriam. "Maravilha", o Pai diria, "Eu vou dar outra chance ao *Colossus*."

Falando sério, sem brincadeira, o nosso Pai era autêntico. Calado, arisco e tragicamente não-descolado. A gente tinha que rir da cara dele o máximo possível. A gente tinha certeza que era o que a nossa Mãe ia querer. Era o melhor jeito de a gente amar o Pai, e agradecer.

Ele ganhou uma bebida grátis com a entrada.

Ele guardou a entrada e ela ainda está lá na pasta dele sobre o Ted.

Ele sentou no meio do auditório.

Ficou esperando o seu herói.

(Sujeito grandalhão com um livro capa dura todo marcado e seboso, provavelmente uma jaqueta impermeável, talvez até com um cheirinho de fazenda de Devon ou uma mancha de tripa de salmão no bolso. O icônico topete ficou ralo e fino, o Pai sabe, mas como estará o cabelo? Um elegante raspado de poeta laureado, quiçá? E será que vai ser só falação sobre Shakespeare, ou vai ter um poeminha ou dois? Um poeminha novo ou dois, Ted? Pros seus admiradores mais jovens? Pros rapazes que te colocam ali, junto com Donne e Milton?)

O Ted, quando chegou, parecia meio virado.

A palestra transcorreu em meio à névoa da reverência. Ele nunca lembrou grandes coisas, a não ser o fato de que a fala foi muito, mas muito centrada em Shakespeare, e que um dos outros membros da mesa era hostil ao Ted.

Era hora das perguntas e o nosso Paizinho de dezoito anos de idade já estava com aquele rubor fervente do pescoço pra cima e com as mãos suadas de um admirador louquinho pra fazer uma pergunta. Lá no fundo, uma pergunta sobre Caliban e o imperialismo. Sim, minha senhora ali no canto, uma pergunta sobre resenhas negativas. Sim, meu senhor aqui na frente, uma pergunta sobre a Sylvia, que recebeu um suspiro da plateia alfabetizada em Tedismos, e um educado “não é relevante” do presidente da sessão. Aí, mas que alegria, Sim, meu rapaz ali no meio.

O Pai levantou, o que foi engraçado porque ninguém mais tinha levantado. A gente dá uma risadinha por causa da levantada.

A pergunta dele foi muito comprida e muito franca, e saiu meio embrulhada, mas era sobre a guerra nuclear, e a censura, e a poluição, e o rei Jaime I. Ted concordou com a cabeça, sorriu, concordou com a cabeça, e o presidente disse “Obrigado, perfeito, mais um ensaio que uma pergunta, mas muito obrigado. Infelizmente o nosso tempo acabou”.

O Pai sentou com um baque doloroso nos ossos búndeos, roxo, lágrimas formigando.

Parece que uma vez a Mãe chorou quando ele contou essa história, mas espera! Espera! nós todos gritamos. Espera, Pai, seu bocó ridículo! Você não acaba humilhado pelo presidente! É por isso que a gente te ama e ri de você. Tem um epílogo feliz.

Enquanto o nosso Pai ia saindo, arrastando os pés, uma imensa mão poética lhe cai sobre o ombro e o bordão-de-vinte-braças-submarinas do seco estrondo lindo do cálido sotaque de York de Ted Hughes envolve nosso feliz Papai.

“Sim”, disse Hughes, olhando bem nos olhos do Pai.
“Sim?”, disse o nosso Pai.
“É sim”, disse Hughes, e se afastou.

E o nosso Pai esqueceu o que tinha perguntado, e Ted Hughes morreu, e a nossa Mãe também, e o meu irmão me conta diferente a história de Oxford.

terceira parte

PERMISSÃO PARA PARTIR



CORVO

Essa é a história de como a sua mulher morreu.

PAI

Já tirei isso da cabeça. Eu não quero ouvir.

CORVO

Mas a questão é bem essa. Ela bateu a cabeça.

PAI

Corvo, sério, não se incomode. Eu sei. Eu não preciso saber.

CORVO

Ora quem diria.

PAI

Caro Corvo,

Uma vez você se pôs do lado da minha cama e falou com a voz de um pássaro negro e disse pra eu nunca mais casar de novo, pra lacrar o coração e atar o pau. Nós, os corvos, somos monógamos, você disse, e me deu soquinhos na testa com esse teu bico pontudiagudo.

Aí, depois, você se pôs do lado da minha cama e me contou a história do Ted. Você falou com a voz de um professorzinho de Yorkshire e me disse pra voltar pra estrada, achar uma mulher, botar ordem nas minhas ideias, pensar nos meninos. Manda brasa, você disse. Você devia era juntar os trapinhos com uma moça bacana que goste do som da palavra “Madrasta”. Rala e rola. Eu joguei o acolchoado pra fora da cama e esperneei e te bati e te cuspi mas você não estava ali e eu tive que pegar no sono amassado entre o que você tinha dito e o que eu pensei.

Nada de sono.

Gumes afiados.

Mau hálito.

MENINOS

Uma vez a gente estava desenhando na mesa da cozinha e o Pai disse, “A gente nunca pode deixar de lembrar a importância de Picasso”, e o meu irmão disse, “Pirambaba, Pai!” e o Pai quase passou mal de tanto rir.

A gente maltratava ele e tirava sarro dele porque parece que isso fazia ele lembrar a Mãe.

Uma vez a gente foi a um lugar secreto com a nossa Vó. Era uma parede semicircular gigante, de areia vermelha, que antes ficava dentro do mar. Era dar um bico que caía uma concha. Isso bem no meio de uma plantação de linhaça bem amarelinha.

O Pai não foi. O Pai não teve nada a ver com aquilo.

PAI

Ela estava gripada. Não era normal ela ficar doente. Os meninos eram bem pequenos e tinha nevado e ela não aguentava o nosso agito dentro de casa então a gente se vestiu e foi andar de trenó no parque. A gente não servia pra nada sem ela. Os meninos não sabiam onde ficavam os gorros. Não davam jeito de enfiar as luvinhas de lã pelas mangas das jaquetas estofadas; não queriam ver outros meninos, meninos maiores, descendo o morrinho de trenó. Eu era uma desgraça. Eu tirei eles de casa sem botinhas de borracha aí a gente nem tinha chegado na rua e eles já estavam com os dedos dos pés doendo. Os dois estavam choramingando e nós três sentindo que sem ela as coisas não funcionavam como deviam. Eles ficaram com pena de mim. Eu me senti agudamente envergonhado ao ver exposto o fato de que meu brilhantismo como pai dependia integralmente dela. Talvez se eu soubesse que aquilo era uma prova de figurino pro resto da nossa vida eu tivesse dito SEGUREM ESSA ONDA, SEUS BOSTINHAS, ou ME DEEM UMA MÃO AQUI. Ou me leve, me leve em vez dela por favor.

PAI

Coisas de que o Corvo NÃO tem medo:
Ted.
Biografias de Sylvia.
Deus.
Usinas eólicas.
Criancinhas órfãs.
Águias carecas.
Boneca de piche.
Espantalhos.
Homens.
Morte.

Coisas de que o Corvo TEM medo:
Divórcio.
Trama.
Negócios.
Católicos.
Arame farpado.
Pesticidas.
Fofoca.
Taxidermia.
Keith Sagar.

PAI

Cerca de dois anos depois, cedo demais mas na hora mais justa, eu levei uma mulher pra casa, uma especialista em Plath que eu conheci num simpósio.

Ela era divertida e inteligente e fez o que pôde naquela situação toda fodida. A gente teve que ficar quietinho porque os meninos estavam dormindo no andar de cima.

Ela era lisinha e linda e o seu corpo nu era diverso do da minha mulher e o seu hálito cheirava a melão. Mas nós estávamos no sofá que a minha mulher comprou, tomando vinho em taças que a minha mulher ganhou de presente, embaixo do quadro que a minha mulher pintou, no apartamento em que a minha mulher morreu.

Eu não transei com muitas mulheres, e só fiquei bom na coisa com a minha mulher, fazendo o que ela achava gostoso. Eu não queria fazer aquelas coisas, ou pensar se por acaso devia estar fazendo aquelas coisas ou pensando nisso de ficar pensando, o que quer dizer que acabei batendo de cara nela, depois me ajoelhando na coxa dela, depois gozando cedo demais, depois dando duro demais, depois nem tão duro.

Mas foi bom, e ela era incrível, e a gente ficou acordado fumando os cigarros fortes que ela tinha trazido, soprando a fumaça pela janela e conversando sobre tudo que a gente tinha lido e que não era sobre a Sylvia ou o Ted.

Ela foi embora e eu fiquei nervoso por ter ficado animado. Andei pelo apartamento como se fosse a minha primeira vez ali, passos longos e extra-determinados, conferindo os balcões. Dei uma espiada nos meninos.

*

Quando desci, o Corvo estava no sofá
imitando minhas metidas, meus gemidos.

MENINOS

Parece que a gente vai se deixando definir por períodos de dez anos, umas belas fases mandando brasa, aí consideráveis sumidouros de melancolia.

Igual todo mundo, no fundo.

A gente antes achava que ela ia aparecer um dia e dizer que tinha sido tudo um teste.

A gente antes achava que podia morrer, os dois, na mesma idade dela.

A gente antes achava que ela estava olhando, do outro lado dos espelhos.

A gente antes achava que ela era um agente secreto, mandando dinheiro pro Pai, pedindo informações atualizadas.

A gente envelheceu ela direitinho, nunca deixou ela presa. A gente chamou direitinho ela de Vovó, quando o Pai virou Vovô.

Tomara que ela goste da gente.

PAI

Meu menino querido,

Numa noite de Natal, uns três anos depois da morte da tua mãe, eu tinha posto você e o teu irmão na cama e estava esparramado no sofá bebendo vinho tinto e lendo R.S. Thomas quando ela entrou e disse Oi. Estava nua, fora as meias (nunca foi um visual dos mais lindos nem quando ela estava viva). Ela tropeçou no tapete, quase caiu, e deu com o joelho na mesinha de centro. A gente subiu e eu passei tintura de arnica no hematoma e a gente ficou brigandinho por causa da bagunça no armário dos remédios. Aí a gente encheu as meias de vocês com os presentes e foi na pontinha dos pés até o quarto de cada um pra largar as meias do lado da cama. Eu fui dormir e a tua mãe ficou um tempo acordada lendo.

Isso é totalmente verdade.

Você está sendo bonzinho? Não se preocupe com isso de fazer coisas ou não fazer coisas, não faz mal.

Beijo,

Pai

MENINOS

Um irmão ficou quietinho dentro dos cacos de irmão e fez força, mas sentiu raiva. Sou eu. Eu tive uns anos mais difíceis, agora estou bem, mas calado e sem sentimentalismos. Meu irmão grita KRAAAA e conversa com eles. Os anos terríveis da minha vida foram manchados de corvo. E eis um segredinho. Eu nunca cheguei a ler. Não gosto de Hughes e não gosto de poesia.

Insanidade. Pretensão. Negação. Indulgência. Bobagem.

Na adolescência eu levei uma espingarda de pressão pro campo, pra matar corvo. Derrubei um e quis continuar. Quis empilhar uma pilha fogueira de aves pretas mortas, com aqueles bicos malvados. Mas eles são tão inteligentes que perceberam o que eu estava fazendo e foram ficando longe só o suficiente.

Eu fui até o único corvo morto e cheguei a tempo de ver o bicho sair mancando pelo chão pontilhado de pedras.

O Pai teve umas namoradas mas nunca mais casou, o que pareceu ser a melhor coisa pra todo mundo.

Eu sou um ou outro irmão.

PAI

Tocar o barco, enquanto conceito, veio à tona, um ou dois anos depois, graças a homens meus amigos que falavam em nome de suas adoradas esposas. Mulheres que nos amavam. Mulheres que me conheciam desde criança.

Ah, eu disse, a gente não está parado. A GENTE ESTÁ VOANDO PELO ESPAÇO QUE NEM TRÊS OTÁRIOS MAGNÍFICOS SEM FREIOS, obrigado, Geoffrey, e mande um abraço pra Jean.

Tocar o barco, enquanto conceito, é pros imbecis, porque qualquer pessoa razoável sabe que o luto é um projeto de longo prazo. Eu me nego a apressar. Que homem nenhum faça lenta ou veloz ou conserte a dor que sobre nós se lançou.

Então eu entrei no quarto deles com o azul-marinho da noite de verão e fiquei ouvindo a respiração dos dois. Edredons amassados, emaranhados, perninhas e braços lisos que emergiam do algodão estampado com robôs e piratas e outros tantos brinquedos. Minha mulher e eu normalmente vínhamos ajeitar os dois na cama e ficar espantados com o quanto eles eram perfeitos dormindo. A gente ria de como eles eram lindos — “é coisa de louco!”, a gente dizia.
E era, coisa de louco.

E eu fiquei ali parado e respirei o alento deles e considerei — como sempre — coisas como fragilidade, perigo, sorte, imperfeição, acaso, ser bondoso, ser engraçado, ser honesto, olhos, cabelo, ossos, a impossível epiderme frenética que se rejuvenesce sozinha em silêncio, nunca nervosa, sempre beijável, mesmo quando coberta de cascas de ferida, mesmo salgada como eu deixava, e em tantas dessas noites eu fiquei tão completo, tão absolutamente destroçado pelo tamanho do amor que sentia por aquelas crianças, que perguntei, em voz alta:

Vocês querem TOCAR O BARCO?

Nada de resposta.

Será que a gente devia pensar em TOCAR O BARCO?

O fluxo e o farfalhar do ar nas narinas, de línguas que estalam, suspiros, o doce ar superior concentrado num quarto no topo de um apartamento em que gente jovem sonha.

Não, eu dizia, eu concordo, a gente está mais do que bem.

O Corvo se juntou a mim quando eu ia saindo, fechando a porta, e me deu um forte abraço na cabeça.

Você não está sozinho, garoto.

MENINOS

Era uma vez o dia em que sou adulto, tenho um filho. E uma esposa. E um carro. Eu falo meio igual ao Pai.

A gente passa de carro por Chilterns, por Downs, por Moors, por Broads, cantando *Passeios Britânicos para gente Britânica*. Meu Pai fez isso, ele mostrou a Grã-Bretanha pra gente. Cader Idris, Shingle Street, Mallyan Spout. Agora meu filhinho minúsculo grita “cra” quando vê um corvo, porque quando vejo um corvo eu grito KRAAAA.

Eu conto histórias do amigo da família, o corvo. Minha esposa sacode a cabeça. Ela acha esquisito eu lembrar com carinho de passeios de família com um corvo imaginário, e eu lembro a ela que podia ter sido qualquer coisa, podia ter dado coisas diferentes, mas algo mais ou menos saudável aconteceu. Nós temos saudade da nossa Mãe, nós amamos o nosso Pai, nós acenamos para os corvos.

Não é esquisito.

PAI

“Escuta-isso-aqui, é-bom-de-se-ouvir, rum-pum-papum-parrr-rum.”

Parp!

“Vai embora, Corvo.”

HOMEM Como é que você sabe quando encontrou uma coisa que vale a pena bicar?

AVE Bom, em grande medida isso vem de um estado de prontidão, que é tanto instintivo (fomes e vícios etc.) quanto pragmático (um pacote de bolachas bonitão, um viúvo bonitão). Você vai lembrar de certos momentos lá no início do meu trabalho com você, quando o que parecia ser corvídea vulgaridade era na verdade um programa terapêutico altamente articulado, pensado para reagir às nuances da sua recuperação.

HOMEM E eu respondi como você esperava?

AVE Melhor. Mas o crédito é dos meninos, e do prazo estipulado. Eu sabia que quando você mandasse pro editor a versão final do seu livro sobre o Corvo o trabalho estaria concluído.

HOMEM O meu luto teria passado?

AVE Não, não mesmo. Você parou de ser inútil. Com o luto você ainda está lidando, e pra isso você não precisa de corvo.

HOMEM Verdade. Muda o tempo todo.

AVE O luto?

HOMEM Sim.

AVE Ele é tudo. É o tecido da identidade pessoal, e é maravilhosamente caótico. Tem características matemáticas em comum com muitas formas naturais.

HOMEM Por exemplo?

AVE E por onde começar? Ah, penas. Fezes? Ondas? Favos? Barbante? Intestinos? Ossos? Penas, já falei isso, aquelas portinhas de gatos, não, espera, patos, fatos, tratos, falhas, gralhas, ticos, meu bico rico no…

HOMEM Que coisa ridícula.

Senti que se o fantasma da minha esposa algum dia me assombrou, aquele era o momento em que ele ia começar a sussurrar “Você tem que pedir pro Corvo ir embora”.

MENINOS

Isso é o que a gente sabe do Pai. Ele foi um menino calado. Ficava pra trás nos passeios da família, desenhava à toa e a sério e ficava magoado bem fácil por causa dos meninos mais grossos da escola. Ele não era bom de contas. Passou os primeiros vinte anos da vida lendo livros, sendo não-ruim-mas-não-talentoso em futebol e esperando a Mãe.
Ele adorava os mitos gregos, os russos e Joyce.
Ele estava esperando pra ser o nosso Pai.

E aí a nossa Mãe e o nosso Pai se apaixonaram e viraram uma coisa forte mesmo, que nem pedra, e duradoura, e as pessoas falam de leveza e alegria e espontaneidade e do fato de que o cheiro dos dois virou um cheiro só, o nosso cheiro. Nós.

Depois ele ficou mais calado. Por uns dois ou três anos, pelo que todo mundo dizia, ele ficou bem estranho. Tinha a perpétua aparência, e a conduta, de alguém que boiasse, solto na luz dourado-cerveja da tarde e ficando surpreso com o quanto o calor durava. Um ombro rolado, um meio sorriso meio de olhos cerrados. Alguém que a desconcertante lentidão da tristeza ao ir embora deixava perplexo pra sempre, eternamente, eternamente. O que eu acho, hoje em dia, que era por causa da gente. Ele não podia surtar. Não podia querer morrer. Não podia reclamar de uma ausência que ainda sorria, cantava, sardentava ao sol do verão da Inglaterra tweedle dee tweedle dum diante dele. Se alguma coisa o Corvo ensinou a ele talvez tenha sido um permanente equilibrismo. Na falta de palavra menos suja: fé.

Um berro pedindo desculpas que é sim que é obrigado que é adiante.

PAI

Meu livrinho sobre Ted Hughes até que foi bem recebido. Saiu uma resenha no *TLS*:

“Ao recusar à queima-roupa uma crítica construtiva seja a Hughes seja à sua poesia, o livro certamente há de encantar os verdadeiros admiradores de ambos.”

Meu editor seboso de Manchester me pagou um almoço.

Eu lhe falei a minha ideia de uma edição da obra completa de Ted Hughes, anotada pelo Corvo.

“Que tal um livro sobre Basil Bunting?”, ele disse.

Eu expliquei que o Corvo ia violar, ilustrar e poluir a obra de Ted. Seria uma análise mais aprofundada, selvagem de verdade, uma avaliação crítica e um ato de vingança. Seria um livro de recortes, uma colagem, um romance gráfico, uma dissolução das fronteiras entre formas porque o Corvo é um trickster, ele é antiguidade e pós-modernidade, ilustrador, editor, vândalo…

“Pedimos a conta?”, disse o meu editor. “Você tem que tocar o barco. Agora que tal um livrinho sobre Piper e Betjeman?”

Então eu fui pra casa, pra conversar com o Corvo sobre a hora de seguir cada um pro seu lado.

Eu não o encontrei. Descobri que os meninos tinham jogado bolas de papel higiênico encharcado no teto do banheiro, o que me deixou puto porque eu tinha dito pra eles que aquilo manchava a pintura, e quando consegui limpar tudo e fazer a janta deles e colocar os dois na cama eu percebi, claro, que o Corvo tinha ido embora.

CORVO

Licencinha, eu vou indo.
Será que dou uma volta final completa, a fronteira Meninos/Pai,
  pulinho/espiada/pulinho/parado?
Será que deixo uma oferenda, saio à caça de luto
  levando merenda?
Sonhei que o braço dela estava azul quando eu a achei,
Vermelho onde toquei, reagiu, pico-um-pouco, alguma coisa?
Nenhessa molícia ofosca deu a ver seu osso,
Acidente doméstico.
Ela bateu a cabeça, sonhou um pouco, vomitou,
  dormiu, levantou e caiu,
Deitou e morreu. Fiozinho de sangue no ouvido.
Pulinho/espiada/farejo/provando/melhor não. Perda total.

Bochecha sem vida, sem vida a canela, pé, dedão.
  Aliança. Sorriso.
A ambulância chega, os meninos na escola
  aprendendo, aprendendo.

Como você, viúvo inglês, cabeça folhada,
Reverso da beira do abismo do barco tocado, gemidos,
  e bicos, rebufos e bafos,
Salários e provas, pisadas na bola, mentiras, momentos de êxtase,
Morto o medo todo como campo inteiro em flor.
  Começa de novo quando for a hora certa.
Tem pai que faz isso, tem pai que faz aquilo. Uns
  maus desde sempre, outros quase decentes.
Salgueiros, saleiros, foi-um-dia-assim. Estalos
  de elástico, fungada, um espirro e adeus.
Queimada, faz crescer mais forte.

Peritos, viraram, em ter saudade de uma mãe.
  Nada mais que meu prazer.

Só sejam bonzinhos e escutem as aves.

Viva todo bicho imaginário, sua necessidade, seu poder.

Só seja bonzinho e cuide do seu irmão.

MENINOS

O Pai falou que já estava mais do que na hora de a gente jogar as cinzas da Mãe.

Ele ligou pra escola de manhã pra dizer que a gente estava com um vírus de doença. Eu estou numa enfermaria da peste, ele brincou com a secretária, está difícil aqui, eles estão purgando pelas duas pontas, se é que a senhora me entende.

Que nojo. A gente riu.

Pulinho pra fora, meninos. Casaco e gorrinho, vamos lá.

PAI

Nós fomos a um lugar que ela adorava. Eu disse pra eles no carro, na ida, que eu sabia que estava sendo um pai estranho depois que a Mãe morreu. Eles disseram que estava tudo bem. Eu disse pra eles que aquela bobagem toda do Corvo tinha acabado, que eu ia pegar mais aulas e parar de pensar em Ted Hughes.

Eles disseram que estava tudo bem.

Nós estacionamos o carro e caminhamos em diagonais contra o vento.

Fizemos xixi e o vento soprou nossa urina de volta nas calças.

Enquanto os meninos cavavam nos seixos eu caí no sono e quando acordei eles estavam dormindo, encostados em mim, como guardas, de capuz erguido. Eu estava quente.

Não acordei os dois. Andei até a linha d'água.
Eu me ajoelhei e abri a lata.

Disse o nome dela.

Recitei "Lovesong", um poema de que eu gostava muito mas que ela nunca achou grandes coisas. Pedi desculpas por ler aquilo e me disse que estava tudo bem.

As cinzas estavam se mexendo e pareciam ansiosas então eu inclinei a lata e gritei ao vento

EU TE AMO EU TE AMO EU TE AMO

e subiram, ideia de uma nuvem, o fracasso das nuvens, cientificamente mero momento e visualmente desespero, negror de pequenas aves queimadas pontilhando o céu cinzento, mar cinzento, o sol branco, e adeus. E os meninos estavam atrás de mim, quebra-mar de risadas e gritos, agarrados às minhas pernas, tropeçando e segurando, saltando, girando, quase-caindo, berrando, guinchando e os meninos gritaram

EU TE AMO EU TE AMO EU TE AMO

e a voz dos dois era a vida e a canção da mãe deles.
Inacabada. Linda. Tudo.



posfácio

Caetano W. Galindo

Na metade dos anos 1960, o artista plástico Leonard Baskin entrou em contato com seu amigo Ted Hughes para pedir que ele escrevesse, quem sabe, um ou outro poema sobre corvos. Era a insinuação de uma parceria. Baskin estava há algum tempo interessado no potencial gráfico da figura do corvo. Hughes não sabia onde estava se metendo.

Poucos anos depois ele já tinha embarcado não apenas numa obra, mas em toda uma nova fase de sua carreira, que o transformaria de poeta reconhecido que já era num dos nomes mais importantes das letras britânicas no século xx. E o livro que acabou surgindo daquela estranha "visita" de um corvo americano foi seu primeiro passo nessa nova direção, e viria a ser o trabalho que ele considerava a obra-prima de toda sua carreira.

O livro de poemas *Crow* foi publicado em 1970, com uma belíssima ilustração de Baskin na capa. Tomei contato com ele em algum momento do fim dos anos 1990, quando Hughes (1930–1998) ainda estava vivo. Para mim, foi uma experiência mais que poderosa. Para Max Porter, foi o mote para este livro que você acabou de ler.

A figura do Corvo, derivada de sua reputação como *trickster*, como o espertalhão que engana homens e deuses em várias mitologias, sempre para conseguir benefícios inesperados, somava-se no breve livro de Hughes ao peso de "O Corvo" de Edgar Allan Poe e à recorrência da personagem Sweeney na primeira poesia de T.S. Eliot, para gerar uma imagem poderosíssima, cáustica, destrutiva e criadora. Exatamente como cabe aos bons *tricksters*, como o nosso Saci, por exemplo.

Biograficamente, é claro que não se pode esquecer que *Crow* foi escrito logo depois do suicídio de Sylvia Plath, então esposa de Hughes. Muito embora o Pai no livro de Porter tente reafirmar constantemente que já passou a hora de se chafurdar no drama pessoal do casal de poetas, a mulher morta, o filho que fica (Nicholas, que também cometeria suicídio em 2009) são marcas que não deixam de assombrar a poesia de Hughes e que, claro, sublinham os paralelos possíveis

entre seu livro de poemas e a obra de Porter. Aliás, vale lembrar que também o homem que é abordado pelo Corvo no famosíssimo poema de Poe está de luto pela perda da amada.

E o peso de toda essa tradição literária não deixará de ser sentido agora, desde o primeiro momento em que um homem solitário recebe a visita de um corvo no meio da noite, exatamente como acontece nos versos de Poe. E é claro que Porter não apenas aceita como também chama atenção para essas conexões ao fazer de sua personagem central um especialista na obra de Hughes. Mas ele não para por aí. O título original de seu livro, *Grief is the Thing with Feathers* (*O Luto é a Coisa com Penas*), afinal, vem ainda de outra fonte. Contraparte feminina.



Grief is the Thing with Feathers representa uma alteração de apenas uma palavra num dos versos mais famosos da literatura norte-americana, "'Hope' is the thing with feathers", de Emily Dickinson (1830–1886) — onde ela falava de esperança, Porter agora menciona o luto.

Apesar de poder ser como que obscurecida pelo processo de tradução (entre nós não há uma tradução canônica da poesia de Dickinson a que se possa fazer referência inequívoca, contando que todos os leitores perceberiam a alusão), essa conexão literária é gritante para o leitor sofisticado de língua inglesa. É aquele tipo de citação com cujo reconhecimento o autor seguramente conta. Até por isso, vale a pena falar ainda que brevemente do poema de Dickinson.

Honestidade total: Emily Dickinson para mim é o Santo Graal da tradução poética. Perfeição formal, lucidez de expressão, musicalidade, densidade de conteúdo, complexidade de imagens, tudo… Mas, aqui, talvez seja mais interessante apresentar uma tradução que não se preocupe com metro e rima, e permita apenas uma leitura um pouco mais grudada no sentido do poema original: "Esperança" é a coisa com penas que na alma se empoleira e canta a melodia sem a letra, sem jamais cessar, e na tempestade faz-se ouvir com mais doçura; e há de ser dura a chuva que perturbe a ave que a tantos já aqueceu; eu a ouvi na terra mais fria e no mar mais distante, mas nunca, nos momentos mais extremos, ela veio me pedir uma migalha.

Ela fala de "esperança", assim mesmo, entre aspas. E o retrato que oferece desse pássaro que canta mas não diz coisa alguma (muito ao contrário do nosso amigo Corvo) também relativiza o sentido da palavra. A leitura mais simples

parece ser “eu nunca tive essa tal dessa esperança que consola os outros”. Mas basta escavar um pouco para verificar que o solo é instável. A esperança, nesse poema, é desejável? Logo essa “coisa” empenada que se apodera de um canto da alma e insinua mas não diz? Essa coisa que vive de pedir migalhas?

Por mais que eu quisesse, não cabe aqui entrar em discussões mais aprofundadas do poema. E o próprio Max Porter, numa entrevista, cita a crítica americana Helen Vendler para dizer que a “coisa” de Dickinson tem pelo menos sete sentidos diferentes. Sua poesia é sempre sem fundo, por sob a aparente simplicidade. Mas o fato é que a rasura que Porter realiza, meramente trocando a palavra aspeada, transfere toda essa complexidade para um termo que pareceria pertencer a um mundo sem “esperança”. Um mundo de privação, de sofrimento: um mundo de luto.

Isso pelo menos até você terminar de ler o livro.

Um livro, aliás, que começa já na epígrafe com outra rasura, agora literal, de mais um poema de Dickinson. Se o autor contava que você percebesse por conta própria a substituição de “esperança” por “luto” lá na capa, aqui, bem diante dos teus olhos, ele troca o “amor” pelo “Corvo”.



Todo esse aparato de fontes, referências e citações (e não se engane, esse meu comentário não passa nem perto de exaurir o tema) confere algum refinamento e certa densidade ao livro de Porter. Não há como negar. Mas nada disso serviria para manter de pé o texto que você acaba de ler; e muito menos para fazê-lo voar.

Nem essa ancoragem na tradição e nem mesmo a liberdade de invenção que o livro demonstra, sua coragem de abandonar modelos mais tradicionais, estáveis e “lineares” de narração e de comunicação… nada disso bastaria para justificar o impacto que *Luto é a coisa com penas* acaba tendo. E é isso, afinal, que conta mais. É isso que vai garantir para esse pequeno livrinho um lugar na história literária que não há de ser muito distante daquele que hoje ocupam os poetas e prosadores (James Joyce é outra sombra presente) em cujos ombros ele pousa.

De minha parte, fica a imensa felicidade de ter sido convidado a traduzir este livro. O imenso prazer de voltar mais de vinte anos depois ao universo do *Crow* de Hughes, e de encontrar esse seu descendente, tão brilhante quanto ele, mas talvez movido por um sentimento diverso. Olhe para aquela epígrafe, lembre do

final do texto, pense qual é de fato a força que aqui neste universo move o Sol e as demais estrelas.

Max Porter aceitou correr riscos, produziu uma obra diferente, um ser estranho e difícil de se categorizar, uma pedra no caminho, um tropeço, um agouro, uma bênção: um Corvo.

Muito obrigado.

glossário

Eduardo Coelho

BUNTING, BASIL (Northumberland, 1900 – Hexham, 1985). Poeta inglês. Trabalhou com Ford Madox Ford na *Transatlantic Review*. É considerado pela crítica acadêmica um dos autores mais importantes da poesia moderna de língua inglesa. Em sua obra, destaca-se a capacidade de expressar complexidade emocional sob formas simples, embora de grande apuro técnico. Autor de *Redimiculum Matellarum* (1930), *The Spoils* (1965), *Briggflatts: An Autobiography* (1966), *What the Chairman Told Tom* (1967), *The Complete Poems* (1994), entre outros.

BETJEMAN, JOHN (Londres, 1906 – Cornualha, 1984). Poeta inglês. Sua obra apresenta traços de nostalgia, valendo-se de formas tradicionais da lírica; também revela tendências parodísticas e satíricas. Alcançou grande sucesso de crítica e de público. Autor de *Mount Zion; or, In Touch with the Infinite* (1931), *Old Lights for New Chancels: Verses Topographical and Amatory* (1940), *Slick but Not Streamlined: Poems and Short Pieces* (1947), *Collected Poems* (1958), *Summoned by Bells* (1976), entre outros. Foi poeta laureado do Reino Unido de 1972 a 1984.

DYER, GEORGE (Londres, 1755 – Londres, 1841). Biógrafo, ensaísta e poeta inglês. Sua produção tem sido caracterizada pela crítica como uma colaboração menor à poesia romântica de língua inglesa, que compreende autores da grandeza de T.S. Coleridge e Wordsworth. Em sua obra, destaca-se especialmente suas reflexões acerca do lugar da poesia numa sociedade hostil. Autor de *Poems* (1792), *The Poet's Fate: A Poetical Dialogue* (1797), *Poems and Critical Essays* (1802), entre outros.

GURNEY, IVOR (Gloucester, 1890 – Dartford, 1937). Poeta e compositor inglês. Começou a escrever poesia durante a Primeira Guerra Mundial, de que participou. A guerra, o amor e a loucura são questões recorrentes em sua obra

poética. Há diversas publicações póstumas de seus versos, como *Severn & Somme and War's Embers* (1997), *Collected Poems* (2004), entre outras.

HUGHES, TED (Mytholmroyd, 1930 – Londres, 1998). Poeta inglês. Considerado pela crítica acadêmica um dos maiores escritores do século xx. Sua obra se caracteriza pela recusa da sentimentalidade, pela exploração de temas míticos e pelos mistérios da linguagem. O interesse pelo reino animal é outra marca importante de seus versos, em que se destacam a selvageria e os valores simbólicos da natureza. Evitou a ironia predominante na lírica inglesa do período em que começava a escrever, renovando-a significativamente. Casado com Sylvia Plath, foi responsável por editar uma série de livros dessa autora após a sua morte. Foi poeta laureado do Reino Unido de 1984 até sua morte. Autor de *The Hawk in the Rain* (1957), *Lupercal* (1960), *Animal Poems* (1967), *Crow: From the Life and Songs of the Crow* (1970), *Flowers and Insects: Some Birds and a Pair of Spiders* (1986), entre outros.

KLEIN, MELANIE (Viena, 1882 – Londres, 1960). Psicanalista austríaca. Uma das pioneiras da psicanálise dedicada à pesquisa e ao tratamento de crianças. Também se dedicou a pesquisas sobre o estado maníaco-depressivo. Autora de *Psicanálise de crianças* (1932), *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos* (1935), *O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos* (1940), entre outros.

MANDELSTAM, OSSIP (Varsóvia, 1891 – Sibéria, 1938). Poeta naturalizado russo. Considerado pela crítica acadêmica um dos grandes nomes da literatura do século xx. Renunciou ao estilo simbolista, que predominava entre os poetas do seu tempo. Buscou expressar-se através de uma linguagem mais direta, sem os aspectos metafísicos e ocultistas típicos do simbolismo europeu. A defesa dos valores humanistas é um dos aspectos mais ressaltados em sua obra. Autor de *Pedra* (1913), *Tristia* (1922), *O rumor do tempo* (1925), entre outros.

PLATH, SYLVIA (Boston, 1932 – Londres, 1963). Poeta, contista e romancista norte-americana. Considerada um dos grandes nomes da literatura de língua inglesa do século xx, seus versos aparentemente simples se destacam pela presença de sentimentos conflituosos, muitas vezes ligados a questões autobiográficas, em que, do cotidiano, surgem perturbações de caráter psicológico. O modo de vida norte-americano do pós-guerra e suas contradições é um dos aspectos centrais de sua poesia. Foi casada com o também poeta Ted Hughes, responsável por editar uma série de livros póstumos da autora. Escreveu

os livros *The Colossus and Other Poems* (1960), *A redoma de vidro* (1963), *Ariel* (1965), entre outros.

REDGROVE, PETER (Kingston-upon-Thames, 1932 – Falmouth, 2003). Dramaturgo, poeta e romancista inglês. Sua obra revela interesses diversos: manifesta descrições acerca da exuberância da natureza, especialmente das paisagens da Cornualha; apresenta relação com o misticismo e as ciências naturais, que estudou. Autor de *The Collector* (1959), *The Force and Other Poems* (1966), *The Mother, the Daughter, and the Sighing Bridge* (1970), *Man Named East and other New Poems* (1985), *Dressed as for a Tarot Pack* (1990), entre outros.

THOMAS, R.S. (Cardiff, 1913 – Criccieth, 2000). Poeta e clérigo anglicano do Reino Unido. Sua obra apresenta, de modo realista, o cotidiano e os obstáculos da vida em meio à natureza. Ao servir a igrejas em cidades galesas, aproximou-se de personagens ligados ao trabalho e ao cenário agrícolas, que se manifestam em sua poesia. Autor de *The Stones of the Field* (1946), *Song at the Year's Turning* (1955), *The Mountains* (1968), *Laboratories of the Spirit* (1975), *The Echoes Return Slow* (1988), entre outros.

WINNICOTT, DONALD WOODS (Plymouth, 1896 – Londres, 1971). Pediatra e psicanalista inglês. Dedicou-se ao estudo dos laços corporais entre mães e filhos. Autor de *Jogo e realidade: o espaço potencial* (1971), entre outros.

MAX PORTER é um escritor inglês e já trabalhou como livreiro e editor. *Luto é a Coisa com Penas*, seu primeiro romance, ganhou o *Sunday Times*/Peter, Fraser + Dunlop Young Writer of the Year, o International Dylan Thomas Prize, o Europese Literatuurprijs e o BAMB Readers' Award. Foi traduzido para 27 línguas e adaptado para os palcos em 2018, com direção de Enda Walsh. É autor de *Lanny* (2019) e *The Death of Francis Bacon* (2021). Saiba mais em maxporter.co.uk.

CAETANO W. GALINDO é professor de Linguística Histórica na UFPR e doutor em Linguística pela USP. Já traduziu livros de James Joyce, T.S. Eliot, J.D. Salinger e Thomas Pynchon. É autor de *Sim, eu digo sim: uma visita guiada ao Ulysses de James Joyce* (2016) e do livro de contos *Sobre os Canibais* (2019).

WATANABE SEITEI (1851-1918) foi um pintor versado na arte Nihonga (pinturas em conformidade com as convenções artísticas, técnicas e materiais tradicionais japoneses). Seitei era conhecido por combinar o realismo ocidental a cores delicadas e a lavagens da escola Kikuchi Yōsai, apresentando uma abordagem diferenciada para a kachōga (pintura de pássaros e flores). A guarda de *Luto Sem Medo* homenageia seu poderoso trabalho.

ELEANOR CROW é ilustradora e uma ávida leitora. Foi convidada por Max Porter para dar vida ao corvo matreiro na capa do livro por conta de seu sobrenome, tão relacionado ao adorável personagem. Ela vive em Londres e adora desenhar de tudo, de tatus a abobrinhas. Saiba mais em eleanorcrow.com.

E então atinamos
o final de nossa jornada.

E então ali ficamos,
vivazes no rio de luz,

Em meio às criaturas de luz,
criaturas de luz.

Ted Hughes, “That Morning”



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Porter, Max
Luto Sem Medo / Max Porter ; tradução de Caetano W. Galindo. — Rio de Janeiro : SOMOS Livros, 2021.
128 p.

ISBN: 978-65-5598-107-0
Título original: Grief is the Thing with Feathers

1. Ficção inglesa 2. Luto — Ficção 3. Poesia inglesa
I. Título II. Galindo, Caetano W. III. Crow, L Eleanor

19-2158
CDD 823

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção inglesa

"That Love is all there is" de *The Poems of Emily Dickinson: Variorum Edition*, org. por Ralph W. Franklin, Cambridge, Mass.: The Belknap Press of Harvard University Press, Copyright © 1998 by the President and Fellows of Harvard College. Copyright © 1951, 1955, 1979, 1983 by the President and Fellows of Harvard College.



LUTO SEM MEDO
Copyright © 2015 by Max Porter
Tradução para a língua portuguesa
© Caetano W. Galindo, 2021
Publicado originalmente em 2015 pela Faber & Faber Ltd.
Ilustração de capa: Eleanor Crow
Ilustração de guarda: Watanabe Seitei

Os sentimentos desta obra são muito reais e se referem a pessoas, pássaros, fatos e pensamentos transformadores que podem nos ajudar a reconstruir um novo olhar sobre nós e o ciclo natural da vida.

SOMOS O QUE VIVEMOS

SOMOS Conselheiros
Christiano Menezes, Chico de Assis, Bruno Dorigatti, Marcel Souto Maior, Daniella Zupo

SOMOS Criativos
Design: Retina78, Arthur Moraes, Guilherme Costa, Sergio Chaves
Texto: Eduardo Coelho, Felipe Pontes, Fernanda Lizardo

SOMOS Propagadores
Mike Ribera, Giselle Leitão

SOMOS Família
Admiração e Gratidão

SOMOS impressos por Geográfica

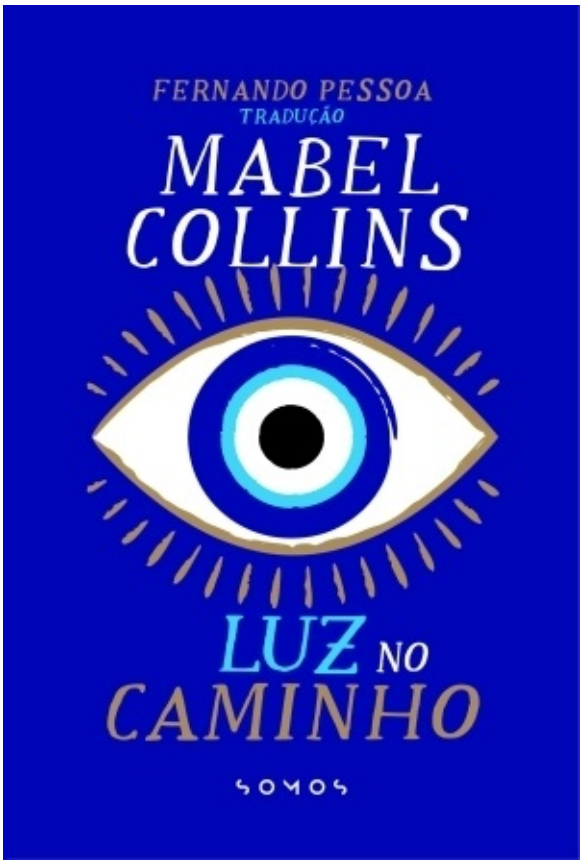
Todos os direitos desta edição reservados à

Somos Livros® Entretenimento Ltda.

Coffee HouseXP® Entertainment and Media group

© 2021 SOMOS LIVROS/ COFFEE HOUSE.XP

Produção de ebook
S2 Books


FERNANDO PESSOA
TRADUÇÃO
MABEL COLLINS
LUZ NO CAMINHO
SOMOS

Luz no caminho

Collins, Mabel
9786555981117
144 páginas

Compre agora e leia

O clássico da literatura teosófica em uma edição iluminada.

Sobre o caminho, apenas a nossa sombra. É partindo dessa imagem poderosa que mergulhamos em *Luz no Caminho,* uma obra singular dedicada a todos aqueles que buscam um sentido e uma transformação profunda em suas vidas. Escrita no século XIX pela mística britânica Mabel Collins, esta semente da literatura teosófica guia os leitores ao despertar de seus dons e de suas consciências. Publicado em 1885, Luz no Caminho se tornou um clássico da filosofia esotérica oriental por estruturar novas visões da realidade em uma linguagem acolhedora. A obra foi divulgada no continente europeu como parte de um esforço teosófico que buscava aproximar as tradições espirituais do oriente e do ocidente. É uma leitura essencial para quem busca se aproximar da natureza divina, trilhando o caminho para uma existência mais altruísta, justa e fraterna.
Em uma edição acessível e didática, *Luz no Caminho* traz ensinamentos valiosos para alcançarmos a comunhão interior e a plenitude da manifestação intuitiva de nossa consciência. Mabel Collins expressa os preceitos da Sociedade Teosófica inglesa com muita sabedoria e teve sua obra publicada em todo o mundo.
A edição iluminada da SOMOS Livros chega com todo o capricho e em capa dura aos leitores brasileiros. O mestre Fernando Pessoa assina a tradução que completa 100 anos e ainda fala mais à alma que à consciência física.

Compre agora e leia

O Pequeno Manual ESTOICO



Sabedoria prática e filosófica
para vivermos como eternos aprendizes

JONAS SALZGEBER

SOMOS

O Pequeno Manual Estoico

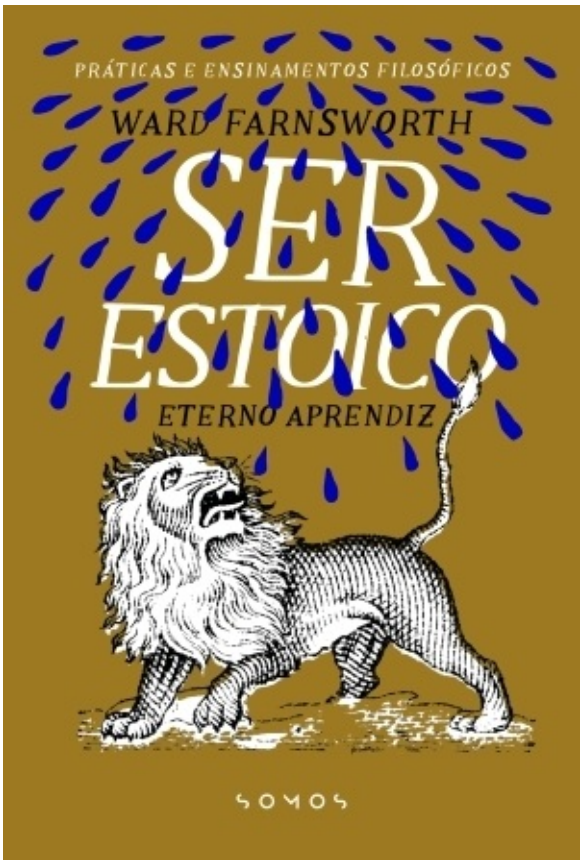
Salzgeber, Jonas
9786555981155
304 páginas

Compre agora e leia

Sabedoria filosófica para o mundo moderno dos eternos aprendizes.

"Se alguma coisa externa lhe causa angústia, não é a coisa em si que o perturba, mas seu julgamento a respeito. E isso você pode e tem o poder de eliminar agora." — Marco Aurélio
Respostas objetivas para perguntas eternas. Onde mora a felicidade? Como ser resiliente? Como enfrentar nossos medos? Como lidar com a certeza da morte? E como encontrar poesia e serenidade na nossa passagem efêmera por esse planeta?
Este é um guia rápido e prático com os principais conceitos do estoicismo para guiar eternos aprendizes em sua redescoberta filosófica. Mesclando a duradoura sabedoria estoica e suas aplicações, *O Pequeno Manual Estoico* nos guiará rumo ao equilíbrio diante dos desafios do dia a dia.
A edição em capa dura publicada pela SOMOS Livros reúne 55 dicas essenciais e facilmente executáveis, e oferece soluções reflexivas para o nosso dia a dia. Do campo financeiro ao emocional, do familiar ao profissional, O Pequeno Manual Estoico nos ajuda encarar o mundo com praticidade, leveza e resiliência.
Com capítulos curtos e diretos, e uma linguagem divertida, *O Pequeno Manual Estoico* pode ser devorado de uma só vez, lido fora de ordem ou utilizado para consultas breves nos dias em que nossos problemas parecem não ter respostas. Um verdadeiro manual de instruções para toda a vida.

Compre agora e leia


PRÁTICAS E ENSINAMENTOS FILOSÓFICOS
WARD FARNSWORTH
SER ESTOICO
ETERNO APRENDIZ
SOMOS

Ser Estoico: Eterno Aprendiz

Farnsworth, Ward
9786555981094
368 páginas

Compre agora e leia

A duradoura sabedoria dos estoicos em suas próprias palavras.

"Quanto tempo você vai esperar antes de exigir o melhor de si mesmo?" — Epiteto
Chegou a hora de ver o mundo e a nossa existência com mais clareza e sabedoria. Cabe a cada um de nós suportar os percalços da vida com maior resiliência. Aqui e agora, em *Ser Estoico: Eterno Aprendiz*, está toda a duradoura sabedoria dos grandes pensadores estoicos, em suas próprias palavras.
Organizado em doze lições que nos levam direto ao coração da filosofia estoica ao falar sobre vida, morte, adversidades, virtudes e a conquista da felicidade, Ser Estoico: Eterno Aprendiz é uma obra única e essencial com ensinamentos milenares sobre a natureza humana. O título chega aos leitores brasileiros em uma edição caprichada e em capa dura pela SOMOS Livros.
Combinando filosofia, psicologia e ética, o professor e pesquisador Ward Farnsworth nos conduz pelo pensamento dos chamados "filósofos com os pés no chão" como Sêneca, Epiteto e Marco Aurélio. A proposta é ressignificar também o estoicismo, erroneamente percebido como frio e impessoal, regressando ao cerne de seus conceitos e reaplicando nos dias de hoje.
Em *Ser Estoico: Eterno Aprendiz*, compreendemos que "nossa experiência no mundo é obra nossa, não do mundo" e assumimos a total responsabilidade de mudarmos o que está ao nosso alcance: a nós mesmos.

Compre agora e leia

KAY REDFIELD JAMISON

TAB: TRANSTORNO AFETIVO BIPOLAR

MEMÓRIAS



TAB: Transtorno Afetivo Bipolar

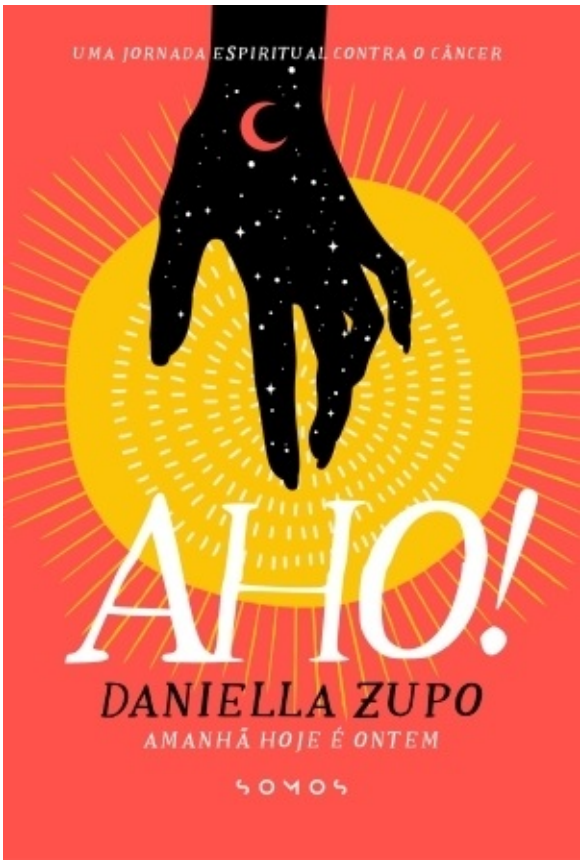
Jamison, Dra. Kay Redfield
9786555981193
224 páginas

Compre agora e leia

O Transtorno Afetivo Bipolar visto de dentro pra fora.

Viver entre a depressão e a euforia é um desafio para imensa parcela da população. A bipolaridade é uma doença que dói na alma — e que, infelizmente, nem sempre é compreendida por aqueles que cercam o portador do transtorno. Em *TAB: Transtorno Afetivo Bipolar*, a psiquiatra e pesquisadora dra. Kay Redfield fala sobre como lidou com a descoberta do quadro de transtorno maníaco-depressivo ou bipolaridade em sua própria vida, mesclando conhecimento técnico com a sua narrativa pessoal sensível e vivaz.
Este livro de memórias é um relato fiel à realidade da doença, em que a autora expõe a extensão do TAB em sua infância, família, relacionamentos românticos, vida profissional e autoconsciência. TAB: Transtorno Afetivo Bipolar se tornou referência com mais de 2 milhões de cópias vendidas em todo o mundo e chega ao Brasil em uma edição da SOMOS Livros.
Ao colocar luz em um tema tão urgente e necessário, *TAB: Transtorno Afetivo Bipolar* ajuda a quebrar tabus para que possamos, enquanto sociedade, fornecer um ambiente mais confortável a quem precisa de acolhimento e auxílio ao se ver nessa realidade.

Compre agora e leia


UMA JORNADA ESPIRITUAL CONTRA O CÂNCER
AHO!
DANIELLA ZUPO
AMANHÃ HOJE É ONTEM
SOMOS

AHO: Amanhã Hoje é Ontem

Zupo, Daniella
9786555981209
160 páginas

Compre agora e leia

A luta contra o câncer e uma jornada interior repleta de esperança.

AHO: Amanhã Hoje é Ontem é um livro corajoso e transformador sobre as negociações que fazemos com o universo e com nossa autoimagem, sobre percorrer a estrada da vida e saber escolher as mãos que vamos segurar enquanto caminhamos. Um mar ora revolto, ora calmo, onde você mergulha e aprecia a luz do sol com um novo olhar.
Ao ser diagnosticada com câncer de mama, a jornalista Daniella Zupo viu sua vida mudar e transformou o calor da luta em revelação. O confronto diário com a perspectiva da morte é capaz de transformar e redefinir nossas vidas por completo.
Diante do medo e da dúvida, Zupo documentou sua batalha contra o câncer em uma websérie inovadora no YouTube, expondo seus sentimentos e reflexões com muita honestidade.
Poética e potente, sua voz ganhou o papel ao se expandir para o livro *AHO: Amanhã, Hoje é Ontem* — agora publicado pela SOMOS Livros em uma edição especial em capa dura. São páginas que transbordam urgência e documentam uma jornada de cura do corpo físico e do espírito.

Compre agora e leia